



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITARIO DO TOCANTINS- CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA (FACHTO)**

**NATÁLIA DO SOCORRO LIMA**

**A PRESENÇA DAS IGREJAS PENTECOSTAIS E AS  
RESISTÊNCIAS INDÍGENAS NA ALDEIA ANAMBÉ, NO  
MUNICÍPIO DE MOJU-PARÁ**

**ABAETETUBA/ PARÁ**

**2020**

**NATÁLIA DO SOCORRO LIMA**

**A PRESENÇA DAS IGREJAS PENTECOSTAIS E AS  
RESISTÊNCIAS INDÍGENAS NA ALDEIA ANAMBÉ, NO  
MUNICÍPIO DE MOJU-PARÁ**

**Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à  
Faculdade de História – FACTHO/UFPA- do Campus  
Universitário do Tocantins-Cametá como um dos pré-  
requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena  
em História, sob a orientação da prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Benedita Celeste  
de Moraes Pinto.**

**ABAETETUBA/ PARÁ**

**2020**

**NATÁLIA DO SOCORRO LIMA**

**A PRESENÇA DAS IGREJAS PENTECOSTAIS E AS  
RESISTÊNCIAS INDÍGENAS NA ALDEIA ANAMBÉ, NO  
MUNICÍPIO DE MOJU-PARÁ**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profª. Drª Benedita Celeste de Moraes Pinto**  
**Orientadora**

---

**Profª. Drª. Tatiane do Socorro Teixeira**  
**Avaliadora**

---

**Profª. MSC. Susana Braga de Souza**  
**Avaliadora**

**ABAETETUBA/ PARÁ**

**2020**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me manter firme nos momentos de dificuldades e me fazer chegar nesta conclusão de curso, me iluminando e abençoando sempre.

Aos meus filhos Nayandra Marcela Lima Costa e Raimundo Danda Lima da Costa Neto, pela paciência nas horas de ausência principalmente no cotidiano de ambos, saibam que todo sacrifício não foi em vão.

A minha mãe Lindete do Socorro Lima por toda sua dedicação e luta para que este momento pudesse acontecer.

A minha mãe do coração e avó materna Alzerina de Lima (in memória), por todo amor, carinho e dedicação por mim na ausência de minha mãe.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto pelas orientações, cobranças, forças e apoio, principalmente, nas horas de dificuldades imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

A minha coorientadora Fernanda Moraes pelo apoio nos momentos de angústias.

A meu amigo Prof. esp. Alexandre Feio pelo apoio nos momentos de angústias, nas horas de dificuldades imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

A minha irmã Leila do Socorro Lima, pelo apoio nos cuidados com meus filhos, sempre auxiliando quando precisávamos.

A minha irmã Priscila Afonso Correa e minhas sobrinhas Paula Vitória, Maria Valentina e Suzianne, saibam que vocês são muito importantes para mim.

A comunidade Anambé, que sempre me recebeu de braços abertos com total cordialidade e paciência em me ensinar um pouco de sua cultura.

Ao Cacique Erémun e sua esposa Vanuza pelo carinho e paciência enquanto estive na comunidade no decorrer da pesquisa, e a todos os meus entrevistados que sempre me deram muita atenção, saibam que vocês são muito importantes para mim.

“O indígena tem uma religião diferente da igreja, então a igreja vem aos poucos, ela vai tomando o espaço da cultura indígena. O índio já não pode mais dançar, não pode mais fazer seus rituais, não pode mais se pintar, não pode usar artesanato, porque a igreja não permite” (Ére Anambé).

## RESUMO

O presente estudo reflete a respeito da presença das igrejas pentecostais na comunidade indígena Anambé, no Município de Moju, Estado do Pará, tendo como objetivo analisar as influências destas e os impactos que causam na cultura dessa população indígena. Metodologicamente, para a realização deste trabalho se buscou apoio teórico em obras de autores que se ocupam da temática em estudo, além da pesquisa de campo direcionada por narrativas orais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa com abordagem qualitativa, composta por duas etapas: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Em campo a coleta de dados ocorreu por meio de observação, análise documental e entrevistas com membros desta comunidade indígena e religiosos das igrejas pentecostais e seus adeptos. Dados da pesquisa nos possibilitaram vivenciar a influência dessa religião no cotidiano do povo Anambé, seja nos aspectos social, cultural e principalmente, religioso, assim como, o processo de resistência que é provocado entre os habitantes desta aldeia indígena, uma vez que, a religião que vem de fora, não é vista como algo natural, por isso provoca desgastes para as pessoas envolvidas. Logo, a presença dessas igrejas, ao mesmo tempo, funciona como uma forma de afastar os indígenas do convívio social na aldeia, proporcionando desinteresse e mudança brusca na cultura tradicional desses indígenas, devido à absorção de normas e características que fazem parte das igrejas pentecostais, as quais a cada dia se tornam mais atraentes, forçando o abandono dos traços culturais e religiosos herdados dos seus ancestrais.

**PALAVRAS-CHAVES:** Influência Religiosa; Mediação cultural, Narrativas Oraís.

## **ABSTRACT**

This study reflects on the presence of Pentecostal churches in the Anambé indigenous community, in the municipality of Moju, State of Pará, with the objective of analyzing their influences and the impacts they have on the culture of this indigenous population. Methodologically, theoretical support was sought in the work of authors who deal with the theme under study, in addition to field research guided by oral narratives. It is, therefore, a research with a qualitative approach, composed of two stages: bibliographic research and field research. In the field, data collection took place through observation, document analysis and interviews with members of this indigenous and religious community of Pentecostal churches and their adherents. Research data enabled us to experience the influence of this religion in the daily life of the Anambé people, whether in the social, cultural and especially religious aspects, as well as the process of resistance that is provoked among the inhabitants of this indigenous village, since religion that comes from outside, is not seen as something natural, so it causes wear and tear for the people involved. Therefore, the presence of these churches, at the same time, works as a way to remove the indigenous people from social interaction in the village, providing disinterest and sudden change in the traditional culture of these indigenous people, due to the absorption of norms and characteristics that are part of the Pentecostal churches, which each day become more attractive, forcing the abandonment of cultural and religious traits inherited from their ancestors.

**KEYWORDS:** Religious Influence; Cultural mediation, oral narratives.

## SUMÁRIO

Considerações Iniciais: caminhos metodológicos da pesquisa.....	09
<b>CAPÍTULO I – A Ocupação Religiosa Protestante nas Comunidades Indígenas na Amazônia.....</b>	<b>19</b>
1.1- Contexto Histórico do Avanço Pentecostal na Amazônia.....	19
1.2 – Marco teórico da Presença Missionária na Amazônia: do Século XX, até a Atualidade.....	23
1.2.1 - O CIMI e Seu Papel Evangelizador – Social.....	24
1.2.2- O Papel da IECLB como Corrente Missionaria entre os Povos Indígenas....	26
<b>CAPÍTULO II - As Igrejas Pentecostais e as Resistências Indígenas na Aldeia Anambé, no Município de Moju-Pará.....</b>	<b>31</b>
2.1. Caminhos de Pesquisa na Aldeia Anambé, no Município de Moju.....	31
2.2- O Ciclo de Pajelança na Comunidade Anambé: memórias e histórias de resistências, vivências e saberes ancestrais.....	38
2.2.1- Pajé Becur: guardião de saberes ancestrais e representatividade feminina entre os Anambé do rio Cairari .....	40
2.2.2- Pajé Domingos Caboco, herdeiro de saberes encantatórios da pajé Becur, na aldeia Anambé.....	44
2.2.3- Aipã Anambé, filho herdeiro de saberes e descendência de Becur Anambé.....	46
2.3- A Presença das Igrejas Pentecostais entre os Anambé do rio Cairari, no Município de Moju.....	50
2.4 - Ressignificação Cultural e o Processo de Resistência a Presença das Igrejas Pentecostais na Comunidade Anambé.....	55
Considerações Finais.....	65
Fontes Utilizadas na Pesquisa.....	68
Referências Bibliográficas.....	70
Anexos.....	72

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

O presente trabalho de conclusão de curso, intitulado, *A Presença das Igrejas Pentecostais e as Resistências Indígenas na Aldeia Anambé, no Município de Moju-Pará*, reflete a respeito da presença das igrejas pentecostais na comunidade indígena Anambé, no Município de Moju, Estado do Pará, tendo como objetivo analisar as influências destas e os impactos que causam na cultura dessa população indígena, bem como as mudanças de hábitos posteriores ao engendramento da instituição /religiosa na mesma. Destacando a mediação cultural que se articula entre os sujeitos sociais envolvidos, buscando através das narrativas dos Anambé, compreender tais fatos.

O interesse pelo tema surgiu através do contato com a referida aldeia em atividade complementar da disciplina de História indígena e Colonial, ministrada pela professora Rosemeire Souza, da Faculdade de História do Tocantins (FACHTO), da UFPA/Campus Universitário do Tocantins-Cametá. A partir dessa visita várias inquietações surgiram em relação ao povo Anambé, como por exemplo, a presença da estrutura física das igrejas pentecostais na aldeia me chamou muita atenção, pois é diferente da realidade local, assim como, as normas religiosas dessas igrejas, que de alguma forma influenciam na mudança de hábitos e costumes cotidianos dentro desta aldeia indígena.

É importante ressaltar que as atividades acadêmicas realizadas pelos professores da Faculdade de História do Tocantins/FACHTO, como as aulas práticas, realizadas pelas professoras Benedita Celeste Pinto e Rosemeire Souza, em comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas. E, foi em uma dessas visitas na aldeia Anambé, que meu senso de pesquisadora iniciante foi aguçado para observar a presença das igrejas pentecostais nesta aldeia, visando compreender o papel que estão exercendo entre a referida população indígena, e como os Anambé percebem a presença de tais igrejas nesta aldeia.

Desta forma, o interesse em trabalhar esta temática por sendo maturado cada vez mais, por acreditar que, de algum modo, este trabalho possa contribuir com os estudos acerca dos povos indígenas da região, e assim, ajudar preencher lacunas da historiografia e das práticas formativas, passando a ser de suma importância para a comunidade estudantil, que pode contar com uma outra versão da escrita da história indígena, que ainda continua sendo silenciada ou ocultada nos livros didáticos. Assim como, para as

populações indígenas, cujos conhecimentos partilhados através das suas próprias narrativas e de suas histórias de vida, passam para condição de sujeitos da sua própria história e do seu povo, na luta por respeito, reconhecimento e valorização. Contudo, é importante levar em consideração que a relevância desse debate não visa apenas envolver povos indígenas, mas toda uma conjuntura social envolvida direta ou indiretamente, pois se trata de sujeitos sociais, os quais nos propomos ouvir desde o início da pesquisa.

Desta forma, partindo destas inquietações, procurei buscar compreender: de que forma ocorreram as influências religiosas das igrejas protestantes na realidade da aldeia Anambé e quais resistências são vivenciadas nesta comunidade indígena? Que mudanças ocorreram na cultura e nos credos religiosos indígenas? E, nestas condições, em buscas de respostas para os questionamentos que surgiram, passei a fazer um levantamento bibliográfico e estudo de obras de alguns autores que discutem a temática em questão, entre os quais se destaca: CARVALHO (2004), MENESES (2011), RODRIGUES (2018), ALMEIDA (2006), SUESS (1989), RUFINO (2006), M. SIMÕES (2016), LUCKMANN (2011), ALTMANN (2008), DECKMANN (1985), SOUZA (2016), SILVA (2013), ELIADE (1964), LÉVI-STRAUSS (1970), VILLAS BOAS (2000), especialistas e estudiosos na área de ciência social, cujos estudos serviram de apoio teórico metodológico para constituição deste estudo, ao possibilitarem perceber debates sobre colonização, religião. E, principalmente, como estão ocorrendo as mudanças de hábitos e costumes entre o povo Anambé, no Município de Moju.

Visto que a pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação, após a escolha de um assunto, é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema proposto. Essa pesquisa auxilia na escolha de um método mais apropriado, assim como num conhecimento das variáveis e na autenticidade da pesquisa. Foi exatamente assim que esta pesquisadora procedeu quando se inquietou com presença de igrejas pentecostais na aldeia Anambé, com as diferentes realidades desta aldeia, assim como, suas normas religiosas, as influências que poderiam ocasionar mudanças nos seus hábitos e costumes, e que tipos de resistências desenvolviam, passou a fazer uma pesquisa bibliográfica, além do estudo de obras de autores que se ocupam da temática em questão.

Para Lakatos e Marconi, entende-se por pesquisa bibliográfica o ato de fichar, relacionar, referenciar, ler, arquivar, fazer resumo com assuntos relacionados com a pesquisa em questão. Esse tipo de pesquisa tem por finalidade investigar as diferentes contribuições científicas sobre determinado tema, de forma que o pesquisador possa

utilizá-la para confirmar, confrontar ou enriquecer suas proposições. É desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, impressos ou digitais. Nestas condições, a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia a em relação ao tema de estudo. “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS e MARCONI 2003, p. 183).

Neste sentido, o presente estudo, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, composta por duas etapas: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Na pesquisa de campo a coleta de dados ocorreu por meio de observação, análise documental e entrevistas com membros desta comunidade indígena e religiosos das igrejas pentecostais e seus adeptos. Uma vez que tínhamos como objetivo de pesquisa identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Moju-Pará, quais os desafios encontrados pelos mesmos com a presença das igrejas pentecostais, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas, principalmente, após o ciclo de pajelança com a morte ultimo pajé, Aipã Anambé, líder religioso desse povo, na tentativa de compreender a razão pela qual este tipo de presença religiosa ao ser praticada entre os membros dessa comunidade pode acelerar o processo de mudança e ressignificação cultural. Assim como, verificar quais os processos de resistências são desenvolvidos pelos Anambé em relação à presença dessas igrejas na aldeia, e quais as suas interferências nos credos ancestrais desta população indígena.

Na aldeia Anambé a pesquisa de campo se desenvolveu a partir da observação, através da vivência e diálogos com as pessoas, tanto indígenas como religiosos das igrejas pentecostais. Visto que para Lakatos e Marconi (2003):

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 190,191).

Assim sendo, para que o pesquisador consiga coletar dados consistentes, é necessária a combinação da observação à outra técnica de coleta de dados, tendo em vista que somente com a observação o pesquisador poderá não atingir os objetivos esperados, deixando de identificar fatos relevantes para a pesquisa, que seriam melhores percebidos através da aplicação conjunta com outras técnicas de coleta de dados. Portanto, segundo Lakatos e Marconi (2003), o sucesso da pesquisa depende de o observador estar atento

aos fenômenos que ocorrem no mundo que o cerca, pois, muitas vezes, o observador possui somente uma oportunidade para estudar um determinado fenômeno.

Portanto, se optou por recursos metodológicos que levaram em consideração o enfoque nas análises a partir dos dados coletados, através das entrevistas aplicadas para avaliar esse processo no contexto da aldeia Anambé, optando por uma abordagem descritiva, focando num estudo de caso qualitativo, onde o enfoque principal é interpretar os dados num esforço para entender a informação com a utilização de análises e discussões com embasamento teórico e bibliográfico. Segundo asseveram Cervo e Bervian (1983), a pesquisa descritiva, procura analisar a frequência de ocorrência de um fenômeno, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características, sem manipulá-lo. Busca também saber informações sobre atitudes, pontos de vista e preferências que os indivíduos têm sobre determinado assunto (CERVO e BERVIAN, 1983).

Neste sentido, as entrevista semiestruturada, a observação e a análise documental, foram instrumentos utilizados para proceder a coletar dos dados utilizados para fazer a triangulação das informações obtidas a partir das entrevistas com pessoas envolvidas na pesquisa, que expuseram os olhares dos habitantes da aldeia Anambé, tanto dos mais velhos, quanto dos mais novos, com suas opiniões sobre a presença das Igrejas Pentecostais nesta aldeia, as influências que exercem e as resistências que desenvolvem em relação à presença desta com suas normas e dogmas.

Para tanto foi adotado a abordagem qualitativa, que é um método de investigação científica que foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais em um ambiente natural. De acordo com Godoy (1995), a pesquisa qualitativa tem um espaço reconhecido quando nos referimos às diferentes áreas do conhecimento que se preocupam com os fenômenos sociais, aqueles que englobam relações de caráter humano e social. Na pesquisa qualitativa o pesquisador não procura enumerar e / ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumentos estatísticos na análise dos dados. Inicia-se a pesquisa com questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve (GODOY, 1995).

Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. Neste sentido,

a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural (GODOY, 1995).

Nesta perspectiva das pesquisas qualitativas, todo tema pode ser considerado inédito, uma vez que, um mesmo fato pode ser abordado por determinado pesquisador, segundo a visão de um referencial ou a partir de um método que ainda não tenha sido contemplado em outras pesquisas. Pois, para Godoy (1995), na pesquisa qualitativa o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados (GODOY, 1995).

Nestas condições, conforme analisa Godoy, a pesquisa qualitativa é descritiva, pois a palavra escrita ocupa lugar de destaque nessa abordagem, realizando um papel fundamental no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados. Visando a ampla compreensão do fenômeno que está sendo estudado e considerando que todos os dados da realidade são importantes e devem ser verificados. Assim o ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente, não podendo ser reduzidos a variáveis, e sim observados como um todo (GODOY, 1995).

Assim sendo, os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto. O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Que não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações (GODOY, 1995).

A coleta de dados é a fase da pesquisa em que se reúnem dados através de técnicas específicas. É o ato de pesquisar, juntar documentos e provas, procurar informações sobre um determinado tema e agrupá-las de forma a facilitar uma posterior análise. A coleta de dados ajuda a analisar ponto a ponto os fatos ou fenômenos que estão ocorrendo em uma organização, sendo o ponto de partida para a elaboração e execução de um trabalho. Desta forma, a pesquisa de campo na aldeia Anambé, no Município de Moju, a coleta de dados para este estudo ocorreu por meio de observação, análise documental e entrevistas com habitantes desta aldeia e com religiosos das igrejas pentecostais e seus adeptos.

A entrevista de caráter semiestruturada é umas das técnicas de coleta de dados escolhidas para a elaboração desse trabalho. Para que o entrevistador consiga obter todas

as informações necessárias sobre o objeto de estudo, ele precisa proporcionar ao entrevistado um ambiente agradável e uma conversa descontraída deixando o entrevistado livre para se expressar.

A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados na pesquisa qualitativa. Segundo Lakatos e Marconi (2003):

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, uma conversação efetuada face a face, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, proporcionando ao entrevistado, verbalmente, as informações necessárias para a entrevista, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (Lakatos e Marconi, 2003, p. 195-201).

A entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema. É importante que o entrevistador se mantenha atento às comunicações verbais e atitudinais sem qualificar os atos do informante, intervindo com discretas interrogações de conteúdo ou sugestões que estimulem o interesse a pesquisa.

Portanto, a entrevista semiestruturada assume um papel de suma importância no processo de coleta de dados, pois, proporciona ao entrevistador a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada, a partir das questões já elaboradas previamente ou das que irão surgir no decorrer da entrevista. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão e chegar ao objetivo da entrevista.

No mesmo sentido, a análise documental é uma importante técnica de coleta de dados, conforme defendem Lüdke e André (1986), que consiste em identificar, verificar e apreciar os documentos com uma finalidade específica, o que contribuí para o estudo do tema pesquisado. Por se tratar de uma ferramenta de busca de informações, tem como característica a possibilidade de permitir ao pesquisador que compare ou confronte, as informações obtidas durante o processo da análise documental, com as demais informações encontradas com a utilização de outras técnicas. Uma vez que, “a análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LÜDKE e André, 1986).

Assim sendo, menciona-se que os sujeitos envolvidos no presente estudo são quatorze (15) indígenas Anambé, na faixa etária de idade que varia entre 41 e 85 anos,

sendo a maioria destes batizados nas duas igrejas pentecostais, que existem dentro da comunidade. Um desses indígenas mais novo, com 25 anos de idade, representa a juventude da comunidade Anambé, além de um pastor da igreja pentecostal Pedra de Davi. Enquanto o pastor da congregação Assembleia de Deus se negou a participar da pesquisa, apesar da solicitação dos próprios Anambé para que o mesmo fizesse parte dos entrevistados. É importante mencionar que os participantes ou colaboradores do presente estudo são identificados pelos próprios nomes e idades, uma vez que não se teve nenhuma reivindicação de preservação de identidade ou pedido de anonimato.

Segundo afirmam Lakatos e Marconi, a análise de dados é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores, que constitui o núcleo central da pesquisa e tem como objetivo organizar sistematicamente os dados de forma que possibilite o fornecimento de respostas ao problema de investigação, pois “a importância dos dados está não em si mesma, mas em proporcionarem respostas às investigações” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 167).

Desse modo, foram feitas as análises dos dados coletados durante a pesquisa, a partir da triangulação das informações obtidas, através das entrevistas, com base nas narrativas dos entrevistados acerca da presença das igrejas pentecostais na comunidade indígena Anambé, acrescidas as observações que foram feitas durante todo o processo de pesquisa.

Desde o período colonial brasileiro os povos indígenas vêm passando por intensas transformações, principalmente no âmbito social, político, econômico e religioso. Por isso este estudo foi centrado na aldeia Anambé, na perspectiva de se buscar dar ênfase aos aspectos religiosos presentes nesta, a partir da efetivação da igreja pentecostal Madureira, no ano de 2000, sendo retirada em 2019, devido ter gerado problemas entre os Anambé, porém, desde então já entraram na referida aldeia, com permissão dos próprios Anambé, como por exemplo, as seguintes igrejas pentecostais: Congregação Pedra de Davi e a Assembleia de Deus, que permanecem até os dias de hoje.

É importante mencionar que estudos anteriores acerca da presença de outras religiões nas aldeias indígenas já foram feitos por historiadores, antropólogos e pelos próprios indígenas, os quais demarcam que a presença de outras entidades religiosas nas aldeias indígenas exerce influências e mudanças, que precisam ser analisadas nos dias atuais.

No caso desta pesquisadora, o que mais causa inquietação é a maneira como estas igrejas atuam entre as populações indígenas, onde se instalam, principalmente pelo discurso justificativo da salvação, como se os povos indígenas fossem desprovidos de religiosidade. Desta forma, agem como faziam colonos e jesuítas no período colonial nas Américas, quando a intenção do empreendimento colonial não era de conhecer, as línguas, costumes, religiosidade, organização social e política das diversas etnias indígenas, uma vez que, tinham exclusivamente a intenção de explorar os territórios para colocar em prática os planos de colonização exploratórios e gananciosos. Assim, a burguesia que conhecemos hoje é fruto da exploração da mão-de-obra indígena e da negra escravizada, trazida da África a força, através do tráfico negreiro. Por tudo isso se observa que a intenção do colonizador jamais foi de compreender as especificidades de tais populações, mas sim, apenas de explorá-las de formas violentas e sanguinárias. E, uma dessas formas de violências foi a implementação da religião europeia, conhecida hoje como cristianismo, cujo projeto inicial foi manter os povos indígenas sob o controle dos colonos, para que lhes fosse facilitado por em prática os projetos exploratórios no novo mundo.

Portanto, este trabalho se justifica por buscar trazer discussões e reflexões, tanto no âmbito escolar ou acadêmico, que pode contribuir no entendimento deste processo de mudanças pelo qual as populações indígenas vêm enfrentando desde o período colonial até os dias de hoje, principalmente, no que diz respeito ao âmbito religioso e cultural. Trata-se de uma visão diferente, trazendo narrativas indígenas, na condição de sujeitos das suas histórias, lutas e resistências. Neste contexto, se faz necessário repensar os tipos de abordagens feitas a respeito das etnias indígenas, incentivando discussões críticas e descolonizadas nos espaços acadêmicos. Segundo afirma Carvalho (2004), na atuação protestante junto aos indígenas, predominou uma situação onde os missionários esforçavam-se para consolidar a imagem de protetores dos indígenas. Relação construída pelos missionários através da assistência às necessidades dos índios. Os últimos em contrapartida viam na presença missionária uma forma de satisfazer suas necessidades (CARVALHO, 2004).

Neste sentido, a ocupação protestante nas comunidades indígenas é um componente do processo histórico que visa, através da evangelização, verificar e determinar a relação destes com os objetivos propostos e, daí, orientar na tomada de decisões em relação às atividades exercidas por essas igrejas dentro das aldeias.

Desta maneira, utilização da religião e da conversão como facilitadores nos contatos de ocupação entre as etnias indígenas, durante todo o processo de construção da sociedade, principalmente, da brasileira, foi também o pressuposto para o contato com essas diferentes culturas, que foram discriminadas, espoliadas, segregadas a condição de inferior em relação a cultura europeia. Não restam dúvidas, os focos de interesse dessa ocupação cada vez mais diversificados, ainda fazem eclodir seus ecos, na atualidade, tornando-se frequentes e comuns no cotidiano das sociedades indígenas, quando se faz referências aos dogmas religiosos que as religiões não indígenas tentam implantar nas aldeias indígenas, como ocorre com os Anambé, acelerando mudanças, tentando apagar hábitos, costumes, crenças e rituais ancestrais desse povo.

O meu entendimento como pesquisadora de que todo processo de ocupação religiosa dessas comunidades é composto por diferentes aspectos e sofre influências de fatores externos, faz com que os projetos missionários religiosos sejam abrangentes e tenham diversos objetos de interesse, para os quais existem instrumentos específicos de evangelização, como por exemplo: a salvação espiritual dos indígenas, através da catequese, dos condicionantes socioeconômicos e culturais, introjetando o perfil do colonizador, com a sua prática religiosa docente, como é processado nas condições de funcionamento das igrejas, entre outros.

Partindo desse contexto, entendemos que no contexto dos povos indígenas, a evangelização não é somente atribuir um novo Deus a eles, através de uma única representação religiosa, para que tenham sua salvação espiritual, visto que se entende que a presença evangélica é bem mais que isso. A evangelização deve ser um instrumento no qual se possa identificar e analisar a evolução do conhecimento deles sobre religião, sem que o faça perder sua origem religiosa ancestral, pois esse processo pode acarretar modificações, que trarão consequências negativas para esse modelo de sociedade, como a sua ressignificação cultural, confirmando o possível abandono de suas raízes culturais.

Acontece que mesmo o governo federal brasileiro, por exemplo, tenha criado instituições e uma legislação com parâmetros específicos para organizar essa ocupação missionária dentre os povos indígenas brasileiros, segundo RODRIGUES (2016) “ainda assim, o acesso a eles está sendo facilitada a partir do convencimento e do consentimento deles mesmos. Propiciando desta forma, a produção e o desenvolvimento de práticas religiosas que não fazem parte da cultura desses povos, provocando um processo de desconhecimento de sua própria cultura entre os mais novos, e a ressignificação entre os

mais velhos, promovendo o esquecimento de suas próprias práticas religiosas ancestrais”. (RODRIGUES, 2016.p. 19).

Desta forma, buscando neste trabalho alinhar as discussões a respeito da presença das igrejas pentecostais na aldeia Anambé, as influências que exercem sobre este povo, e os processos de resistências e instrumentos de negociação que e alguns habitantes desta comunidade indígena desenvolvem para enfrentar os desafios nas mudanças das suas práticas religiosas, hábitos e costumes cotidianos.

É importante destacar que a preocupação em expandir as discussões sobre a presença das igrejas pentecostais nessa comunidade, teve também como ponto de partida a constatação da prática religiosa nessa comunidade indígena, onde se identificou que, de um lado, há uma ação religiosa voltada para os interesses das igrejas, e de outro, há descrença de que se pode mudar a crença dos habitantes dessa comunidade, conforme a mesma dinâmica utilizada nas cidades. E não é uma dinâmica que tente conviver com a cultura religiosa dessa comunidade, tendo essa possibilidade, traduzidas nas atitudes de resistência e alienação, fortemente evidenciadas entre esse povo, seja em relação a pratica adotada no cotidiano, ao domínio do conhecimento religioso específico da comunidade, entre outros, pois na maioria das vezes, a reprodução das relações religiosas sociais é hierárquica, sempre enfocada como uma prática utilizada pelas igrejas pentecostais, no sentido de difundir a ideologia dominante e garantir o sistema social da salvação.

A partir dos pressupostos, se observa o processo de reflexão sobre o papel dessas igrejas entre esses povos, sua influência, e em contrapartida as resistências que desenvolvem diante desse processo evangelizador, que se coloca para esta pesquisadora como peça chave, para refletir a respeito desse discurso facilitador de uma organização religiosa, que se diz democrática nessa comunidade.

Este estudo está organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo faz uma abordagem a respeito da ocupação religiosa protestante nas comunidades indígenas na Amazônia, suas influências e as mudanças que proporcionam nas práticas religiosas desses povos. O segundo capítulo trata das reflexões tratada no estudo a partir dos dados coletado na pesquisa de campo. Desta forma as discussões discorrem a respeito da influência dessas igrejas pentecostais no processo de mudanças e ressignificação cultural e as resistências que são desenvolvidas por esses indígenas Anambé. Assim como, a inserção de costumes tradicionais no ensino aprendizagem dessa população indígena como uma preocupação com as gerações futuras.

## **CAPÍTULO I**

# **A OCUPAÇÃO RELIGIOSA PROTESTANTE NAS COMUNIDADES INDÍGENAS NA AMAZÔNIA**

### **1.1- Contexto Histórico do Avanço Pentecostal na Amazônia**

Neste capítulo abordaremos os referenciais teóricos sobre a ocupação e a presença das igrejas protestantes na Amazônia e sua inserção nas comunidades tradicionais a partir das concepções dos autores Meneses (2011), Rodrigues (2018), Almeida (2006) e Pantoja (2011), os quais deixam evidente em seus estudos que ao longo do tempo várias foram as denominações protestantes utilizadas para o processo de evangelização dos povos da Amazônia.

Meneses (2011) afirma que às características do movimento responsáveis pela expansão protestante na Amazônia assemelha-se com religiosidade popular brasileira e a oferta de cultos e experiências mágicas, espirituais e transcendentais; a obsessão pela presença dos dons espirituais, como falar em línguas, a cura divina; as profecias; a teologia da prosperidade e a ênfase na pregação sobre costumes (MENESES, 2011).

Para Rodrigues (2018), o movimento protestante na Amazônia segue juntamente com o processo de ocupação dessa região na segunda metade do século passado, com o surgimento do movimento de expansão agrícola e empresarial nessa região o movimento pentecostal de renovação evangelizadora chega com grande força. Pois, seus métodos de evangelização diversificados eram de fácil aceitação, tanto nos centros urbanos, como em pequenos povoados, o uso de métodos ativos era sugerido aos pastores que chegavam aos lugares mais remotos dessa região, e lá se utilizavam de todos os recursos possíveis para tornar o contato religioso mais condizente com a realidade dessa população, para que se estimulasse, além da organização desses povos, o aprendizado e o pensamento religioso dos mesmos, pois essa região abarca uma grande diversidade histórica quando tratamos de religiosidade (RODRIGUES, 2018).

Segundo Donizete Rodrigues (2018):

[...] há uma vasta produção científico-acadêmica sobre a sua enorme diversidade étnica, cultural e religiosa: xamanismo indígena-pajelança; catolicismo popular; espiritismo kardecista; cultos aos orixás; e os mais recentes movimentos protestantes de missões e imigrações, compondo um campo religioso-sincrético, indígena, católico, africano e protestante-evangélico (RODRIGUES, 2018, p. 2).

Verifica-se desta forma que embora várias religiões já fizessem parte do cotidiano brasileiro no período colonial, ao tratarmos das populações indígenas os evangelizadores sempre tiveram um interesse maior pela incorporação dessa população, e foi a partir do século XIX, que essas igrejas protestantes deram início nessa empreitada dentro da região amazônica, pois já estavam fortalecidos dentro dos grandes centros urbanos mundiais e no Brasil, e buscavam nesse momento adentrar os interiores do país e vários foram os movimentos visando esse processo de contato e evangelização (ALMEIDA, 2006):

Ao longo do processo histórico de contato cultural deste movimento religioso com as populações indígenas, houve várias agências missionárias que desempenharam (e algumas ainda desempenham) um importante papel na evangelização dos povos nativos: ‘Summer Institute of Linguistics’, ‘New Tribes Mission’, Missão Novas Tribos do Brasil, Missão Evangélica na Amazônia, Grupo de Trabalho Missionário Evangélico, Igreja Luterana do Brasil e as Juntas ligadas às igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista e, nomeadamente, Assembleias de Deus (ALMEIDA, 2006, p. 277-304).

Na concepção de Pantoja (2011), esse processo de evangelização veio atrelado a uma crise do catolicismo nessa região propiciando um grande avanço dessas igrejas, pois se tornava mais atraente em relação aos velhos costumes religiosos que se desenvolveram desde o processo de colonização jesuítica. Esse movimento protestante promoveu uma relação multicultural e religiosa dentro dessa região, pois segundo Vanda Pantoja, foi num contexto de forte crise da Igreja Católica na Amazônia, por causa dos conflitos com o poder civil local e com a falta de cleros, que o protestantismo foi introduzido nesta região no século XIX (PANTOJA, 2011).

Podemos considerar que um dos motivos para essa ocupação protestante foi a facilidade de formação de seus representantes religiosos dentro da própria região e com isso a facilidade de deslocamento dos mesmos nas comunidades incentivando outros a se converterem ao protestantismo e darem início ao funcionamento de várias congregações e denominações missionárias, pois por meio desses, o ato de ensinar o evangelho seja mais dinâmico e prático e depreendemos com isso que objetos para se cultuar eram

mínimos se comparado ao catolicismo não era necessário uma igreja construída para pôr em prática alguns dos seus princípios religiosos (ALMEIDA, 2006, p. 287).

Como já elencado anteriormente, várias denominações protestantes vieram para a Amazônia visando o processo de expansão religiosa dentro dessa região, em especial nas comunidades tradicionais como os ribeirinhos e as comunidades tradicionais e dentre essas denominações as que mais se destacaram foram as pentecostais que estão presentes em toda a região.

Essa denominação protestante teve mais facilidade de contato com a população da região, pois apresenta vários fatores que levaram a sua maior aceitação, como a facilidade de culto e não imposição de práticas muito tradicionais religiosas fazendo com que essa população se sentisse mais a vontade em se converter ao pentecostalismo que tem sua base na salvação espiritual dos excluídos e na segunda vinda de cristo, fazendo da ajuda social um dos fatores primordiais para sua aceitação, permanência e desenvolvimento dentro dessas comunidades tradicionais (Pantoja 2011).

Esse tipo de ocupação e conversão toma força desde as primeiras décadas do século passado sendo que essas igrejas se aproximavam das comunidades indígenas de forma gradativa sempre se localizando em comunidades ribeirinhas próximas das comunidades promovendo contato gradativo com esses povos ajudando a resolver problemas internos como o alcoolismo e lutas entre membros da comunidade além de problemas externos como a falta de segurança de suas terras, falta de saúde e educação. Esse papel de intervenção assistencialista das igrejas pentecostais serviu de trampolim para a boa aceitação delas dentro dessas comunidades fazendo parte de seu cotidiano e promovendo um processo de conversão acelerado entre os membros dessas comunidades, foi só a partir dessa aceitação que ocorreu a integração desses recursos ao ensino religioso, pois eram utilizados como instrumentos básicos facilitadores da preparação, de forma rápida e eficiente de novos nativos evangélicos, principalmente entre um grande número de jovens originários para as atividades de pregação a fim de convencer os mais velhos a aceitarem a nova religião. Segundo Rodrigues (2016) A partir dessa inserção bons resultados têm sido alcançados, pois o uso desses jovens essa prática religiosa propagou-se e foi gradativamente sendo inserida em quase todas as comunidades originárias do Brasil e da Amazônia.

Atualmente existe uma infinidade de denominações pentecostais convivendo dentro dessas comunidades que se utilizam de vários recursos evangelizadores que podem

ser utilizados para enriquecer o processo evangelização e conversão desses povos sendo esse processo de fundamental importância na escolha destas denominações religiosas pelos próprios membros dessas comunidades, pois são necessárias que os meios utilizados, pelos pentecostais, sejam adequados as características de cada comunidade, pois cada uma tem suas características de organização comunitária e se faz necessário conhecer os costumes para que assim seja possível atingir o efeito desejado que seja o de contribuir para o processo de evangelização e dessa maneira possibilitar e despertar o interesse dos nativos para o seu uso, contribuindo consideravelmente para o seu aprendizado.

Nesse sentido, Rodrigues diz que:

“Além disso, normalmente, as igrejas evangélicas ocupam os espaços culturais onde o sistema simbólico-religioso original/tradicional não encontra condições de reprodução social. Por outro lado, é neste contexto que os indígenas se apropriam das práticas religiosas pentecostais e (re)criam a sua própria religiosidade”. (2016, p. 06).

Ainda segundo Rodrigues:

Outra questão pertinente - e que devemos realçar - é que existe uma outra prática: a perspectiva da inculturação. Com maior sensibilidade antropológica, digamos assim, neste caso há um maior respeito e aceitação das tradições culturais e religiosas dos índios por parte dos missionários (RODRIGUES, 2016, p. 08).

A partir destas análises observamos que vários autores tratam do tema, “a presença pentecostal nas comunidades tradicionais na Amazônia”, e que uma grande parte desses autores defende o seu uso na prática pentecostal como uma Igreja que concebia a missão como conversão ao cristianismo através dos pastores e pastoras que atuavam em campos missionários, e que essa igreja passou a uma concepção que visava auxiliar os povos originários em sua luta social. O trabalho missionário agora passava pela diaconia, pelo serviço ao outro, e não mais pela conversão. O objetivo era ajudar ou instrumentalizar os povos indígenas para que conseguissem ter garantidas suas terras e para que pudessem manter sua cultura. O trabalho missionário não seria mais somente assistencialista e conversionista. Agora se tratava de uma concepção missionária criticamente política. Através de movimentos organizados que visavam programar mais sistematicamente essa nova forma de missão evangelizadora LUCKMANN (2011). É claro que essa forma de

entender a missão não é algo unânime entre as denominações pentecostais, pois as mesmas sabem que essa nova visão de missão tem um futuro que permanece aberto, mas sabem também que esse tipo de movimento e mudança contribui qualitativamente para melhor o relacionamento entre povos originários e a igreja pentecostal ao se propor a fazer um trabalho missionário respeitando a cultura ancestral deles, pois é dessa forma que fazem os nativos concordarem que eles são aliados no processo de preservação de sua cultura espiritual.

## **1.2 – Marco teórico da Presença Missionária na Amazônia: do Século XX, até a Atualidade.**

Apresentaremos como as missões missionárias na Amazônia junto às comunidades originárias tratam o processo de ocupação e evangelização e de como interagem com as mesmas no campo social. Assim adotamos como auxílio teórico para o presente trabalho estudos provenientes de uma pesquisa bibliográfica feita em meios eletrônicos e materiais impressos, como fonte de informações para entender melhor como a presença missionária tem papel efetivo no desenvolvimento de novas metodologias evangelizadoras para que o nativo tenha uma melhor condição de se desenvolver em seu cotidiano nas comunidades aprendendo a se valorizar, exercendo seus direitos apoiados a esses movimentos missionários e os objetivos dessas técnicas de avaliação.

Quando se trata de analisar as vertentes teóricas e práticas relacionadas à prática de ocupação evangelizadora vinculada as tendências pentecostais e ao uso do processo de valorização desses povos tradicionais como ferramenta do ser e do fazer religioso, necessariamente surgem reflexões que nos impõe aprofundar discussão referente a essa temática. Na realidade sempre que uma inovação surge nos horizontes dos evangelizadores, é possível observamos que alguns deslumbramentos em função das possibilidades afetadas por essas inovações chegam às comunidades tradicionais de várias maneiras.

Ocorre que o ceticismo crônico provocado pela decepção que esses povos tradicionais indígenas vêm acumulando com as práticas políticas e propostas de inovações evangelizadoras mal implementadas ou descontinuadas pelos sucessivos

contatos religiosos, que pela acomodação natural, que temos a nossa função e pelo incômodo que inovações podem provocar, na medida em que estas exigem alterações de comportamentos e uso de espaço e tempo já bem cristalizados, acabam dinamizando-se em dúvidas, desafios e possibilidades. Precisamente a igreja adota as inovações com a mesma intensidade que desconfia delas.

### **1.2.1 - O CIMI e Seu Papel Evangelizador – Social**

A igreja tradicional é uma tendência evangelizadora que prioriza a teoria do evangelho e da conversão como forma de salvação sobre a prática, ou seja, a principal preocupação dos missionários está relacionada à “como ser salvo” e não a “como aprender a lutar pelos seus direitos baseados na fé”. Nesse tipo de evangelização, a mente da pessoa é vista como um espaço somente de preparação espiritual. Esse pensamento perdurou junto à igreja e de suas missões entre a população menos favorecida até meados da década de 50, do século passado, quando em meio ao processo de integração nacional e do golpe militar ela busca mudar esse pensamento e seu papel junto aos menos favorecidos, em especial os povos originários, que sofriam com a ocupação de suas terras na Amazônia, surgindo assim uma nova forma de pensar seu processo de evangelização nessa região, pois é a partir do contato com a nova realidade social que a realidade missionária vem se reorganizar para tratar das lutas sociais que os povos indígenas estavam enfrentando nesse momento histórico de nossa sociedade (LUCKMANN (2011).

Simões afirma que, “da conscientização dessa distância entre igreja e massas, por parte de alguns clérigos, surgiu o esforço, a preocupação e, sobretudo a necessidade de novas abordagens pastorais, o que culminou na transformação da relação entre a instituição e os pobres” (SIMÕES, 2016).

Historicamente a tendência religiosa, que fez parte do cenário social brasileiro até o final da década de 1930, teve seus pressupostos baseados na centralização do conhecimento na figura do padre o qual tinha como a função de repassar esse conhecimento de forma sistemática aos povos tradicionais que eram vistos como repositórios desse ensinamento tendo estes a obrigação de memorizar as informações recebidas, pois essa era a forma de se desenvolver no meio espiritual e social, pois quanto mais informação fosse armazenada maior seria o grau de desenvolvimento desse

indivíduo, em decorrência desse modelo evangelizador, a igreja católica perdia força e dentro dessas comunidades, pois ficava passiva em frente aos desafios enfrentados por esses povos no novo contexto de desenvolvimento que esta sendo imposto nessa região.

Esse modelo de evangelização missionária tradicionalista que visava somente a aquisição do conhecimento religioso através de automatismo do nativo que através de varias repetições de um determinado assunto da bíblia adquiria o habito de repeti-lo quando perguntado demonstrava o quanto era artificial o processo desse ensino, pois o conhecimento era um processo já acabado na verbalização do evangelizador. (LUCKMANN (2011).

Dentro desse contexto histórico surge a necessidade de se modificar essa presença missionaria dentro dessas comunidades foi então que surgiu dentro da igreja brasileira a necessidade de se envolver mais diretamente nas questões sócias dentro das comunidades mais prejudicadas pelo projeto do governo, e mais diretamente na área de atuação entre os índios (SUESS, 1989):

“[...] havia sido criada, em 1969, a OPAN – Operação Anchieta – no sul do país, uma organização de missionários jesuítas que preparava voluntários para atuar entre os povos indígenas e que, embora no início de suas atividades tivesse uma atuação bastante assistencialista e colonialista, com o tempo foi optando por um trabalho de “promoção integral” dos povos.” (SUESS, 1989, p.05).

Segundo assevera Suess, a relação missionaria começava a seguir novas linhas de enfrentamento junto a esses povos que o novo evangelizador precisava se adaptar, pois esses povos não podiam mais se limita passivamente a escutá-lo eles precisavam agir junto com eles na construção de uma sociedade mais igualitária e evangelizada. O ponto fundamental desse processo de atuação junto a esses povos leva a igreja a criar na década de 70 o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), como produto dos anseios de intervenção social nas lutas desses povos pelos seus direitos seculares e tinha como base ideológica o esforço pela causa dos povos originários, tendo já como prioridade a defesa da terra e do território deles, como defesa de sua sobrevivência física e cultural (SUESS, 1989). Segundo o antropólogo Marcos Rufino (2006):

[..] compreende a atuação e posicionamento do CIMI em dois grandes momentos. Primeiramente, com grande influência de Medellín, caracterizado por uma forma de ação pastoral voltada mais para a “humanização das estruturas sociais”, em uma oposição ao modo como

se realiza a inserção da América Latina no sistema capitalista global. Esta visão parte de um diagnóstico que reúne diversos segmentos sociais em “uma situação comum de espoliação e sofrimento gerados pelo modelo econômico vigente e pelos arranjos políticos que lhe sustentavam” (RUFINO, 2006, p.247).

Partindo desse pressuposto, o novo produto da evangelização desses povos está mais voltado para o social e pelas lutas que esses povos deveriam travar em busca do reconhecimento de seus direitos por parte do estado, mas sem perder seu caráter evangelizador, pois segundo M. Simões (2016), na proposta da nova evangelização, assumida pelo CIMI:

O plano da encarnação e o plano da libertação são indissociáveis um do outro. Por isso o anúncio da Boa Nova, ou da “vida em abundância” encontra-se intrinsecamente ligado à sobrevivência física. A função do missionário frente à “má notícia” (de destruição da vida) é anunciar, através do testemunho, a vida em abundância, acompanhando o povo em suas lutas (M. SIMÕES, 2016, p. 08).

Portanto, dentro dessa conjuntura o papel evangelizador visou interagir com uma nova subjetividade na reprodução das novas relações teológicas que se apresenta como uma forma mais humanizada de ser e do fazer missionário junto a essas comunidades sem reprimir os frequentes elementos da vida emocional ou afetiva e social que antes eram subjugados importando somente o processo de conversão desses povos.

### **1.2.2- O Papel da IECLB como Corrente Missionaria entre os Povos Indígenas**

Segundo Luckmann (2011), essa tendência religiosa missionaria, presente desde o século XVI no processo de colonização brasileira, sempre esteve servindo os interesses geopolíticos dos governantes em todo seu processo de desenvolvimento, primeiramente pela ocupação do território. Sendo que, mais tarde, concomitante, à estratégia geopolítica governamental, com a chegada dos imigrantes europeus, também atendeu a dois propósitos, sendo um racista e outro econômico. O racista considerava que o Brasil era constituído majoritariamente pela população negra, por isso concebeu-se a estratégia de branquear a população. Para tanto, fez-se necessário permitir o ingresso de populações europeias, e também protestantes. E assim, juntamente a ocupação colonizadora ocorreu o processo de interesse étnico (LUCKMANN, 2011, p. 67).

Desta forma, esse processo se espalhou em todo território brasileiro levando juntamente consigo o projeto religioso para a população brasileira da região amazônica. Uma vez que se visava acentuar o sentido da religiosidade e da cultura dessa população como desenvolvimento das aptidões individuais sempre voltadas a atender as necessidades desses povos. E ai tem destaque o papel da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), nesse contexto, uma missão missionaria de caráter protestante com intenção de preparar as comunidades tradicionais para assumir seu papel na sociedade, adaptando as necessidades das comunidades indígenas tradicionais ao meio de desenvolvimento social através da religiosidade, por isso deve imitar o evangelho na vida dentro dessas comunidades (LUCKMANN, 2011).

Nessa tendência missionaria religiosa, a partir da década de 60, o foco do aprendizado já não está mais centrada no evangelizador, como nas tendências missionárias tradicionais dos séculos de colonização, neste outro momento a atividade missionária está centrada no evangelizado e suas necessidades econômicas, sociais e culturais, participando ativamente das lutas dessas comunidades. Portanto, passa a se centrar nas lutas em favor dessas comunidades tradicionais, valorizando sua cultura e organizando as tentativas experimentais de garantia de seus direitos. Levando em conta os interesses do processo de evangelização, voltado também ao social, pois, nessa nova visão missionaria da IECLB o indígena tende a uma educação evangelizadora, que pratique uma análise crítica e consciente das realidades sociais, questionando e transformando os modelos sociais pré-estabelecidos pelas classes dominantes progressistas. Configurando assim, a presença missionária em uma ferramenta de apoio a luta dessas comunidades ao lado de outras práticas sociais, com o objetivo de alcançar a transformação da ordem política, social e econômica até então em vigência no Brasil. Segundo afirma Altmann (2008), a igreja evangélica no Brasil:

formulou a proposição como “o testemunho do Evangelho e o serviço solidário a pessoas em necessidade ou que padecem injustiças”. A proposição se evidenciou, de forma contundente, em 1970, com o “Manifesto de Curitiba”, que refletiu a relação da Igreja e a realidade do Brasil, que estava sob o regime de governança militar (ALTMANN, 2008, p. 108).

Altmann (2008) compartilha da ideia de que a corrente evangélica protestante tem como objetivo a luta pelo desenvolvimento de uma consciência religiosa e crítica, concebendo essas comunidades como lugar de ruptura dos modelos exploratórios e

discriminatórios vigentes. Seguindo esse pressuposto de participação missionária religiosa voltada mais para o social levavam a essas comunidades não só religioso, mas a aprendizagem dos seus direitos sociais, fazendo aprender a conhecer e reivindicar esses direitos, sendo o evangelizador, não apenas um meio estimulador, mas também um participante ativo dessa luta. Como relata Deckmann (1985):

A partir desse Manifesto a IECLB tem se destacado por protesto pelo sofrimento de colonos afetados por desapropriações governamentais, visando concretização de projetos desenvolvimentistas, protestos pela expulsão de agricultores e indígenas de suas áreas para ceder lugar a construções faraônicas e projetos de exploração mineral, discussão com a FUNAI por causa da situação indígena, exigência de aplicação do Estatuto da Terra e da Reforma Agrária, além de protestos contra a lei de estrangeiros. (Deckmann 1985, p. 19).

Nessa nova vertente missionária evangelizadora protestante, agora bem organizada, que além do seu caráter evangelizador dessa população, começa a perpassar o campo social, ponto de partida para uma maior aceitação dessas igrejas junto a eles, pois nelas eles sentiam o afã de construir uma nova personalidade religiosa por meio de experiências significativas que lhe proporcionassem o desenvolvimento de características referentes à sua natureza e de natureza religiosa protestante em seu cotidiano.

E é partindo desses pressupostos, que nessa tendência, da presença das igrejas evangélicas dentro da aldeia indígena Anambé, teremos como centro das discussões ainda mais a figura do índio evangelizado e as influências culturais e sociais que essa presença religiosa trás para essa comunidade. Portanto, todo o esforço dessa pesquisa deve visar às mudanças ocorridas dentro da comunidade e dentro do indivíduo, ou seja, a uma adequação pessoal às solicitações do ambiente pautados na auto realização espiritual, pois segundo relata a senhora Maria Anambé:

“Dez anos que eu vivo na igreja a...eu aceitei jesus na época foi na Assemblei de Deus, depois acho que em 2009 ou 2010, a Madureira entrou e foi bem recebido graças a deus, mas pra mim o evangelho entrando aqui é uma boa opção, nó vive uma vida sossegada” (Maria Anambé, moradora da comunidade, 41anos).

Enfrentamos, a meu ver, situação inteiramente nova em matéria de religiosidade dentro dessa comunidade, pois para essa moradora, aprender é modificar suas próprias percepções de representação religiosa serve como fator para a mesma se sentir bem em

seu próprio cotidiano aonde antes não existia tal representação, sendo a religião apenas um facilitador das relações interpessoais.

Com toda essa análise crítica e indagações começa a surgir várias discussões e no centro dessas discussões tem-se como centro a questão referente a presença das igrejas evangélicas dentro da referida comunidade tradicional e sua influência. Para tanto é preciso que o(a) pesquisador(a) se percebe no cotidiano dessa comunidade, onde existem múltiplas histórias vividas pelos seus moradores, cujas análises fazem suscitar varias reflexões sobre as ações religiosas entre esta população indígena, para que se possa assumir uma postura social e critica diante da inserção dessas igrejas no processo de construção de identidade dessa população indígena.

Adilson Silva (2013), ao se referir a entrada de várias igrejas evangélicas na aldeia Anambé, no município de Moju, afirma que tal processo está muito longe se configurar como ocorreu no início da colonização, com a chegada dos portugueses, já que estamos em período muito distante daquela época:

Contudo, os ecos daquele tempo ainda repercutem atualmente, após os primeiros contatos com os “brancos, já suscitaram muitas e diferentes mudanças entre as diferentes etnias indígenas brasileiras. E esse eco devastador do passado continua mudando as estruturas culturais, sociais e religiosas dos povos indígenas, o contato, a presença e a convivência dos não índios nas aldeias indígenas contínuo deixam lastros negativos para esses povos. Na Aldeia Anambé, tais mudanças transcendem os dias atuais, principalmente entre os mais jovens, que já não demonstram interesse em reforçar os laços com suas ancestralidades, tanto cultural como religioso. Os mais velhos ainda guardam os ensinamentos antigos resultado de raízes de sua ancestralidade. Fato, que segundo eles, estão se perdendo devido a morte dos mais velhos e o desinteresses dos mais novos tanto pelos costumes como pelas religiosidades, principalmente por não haver a figura simbólica da religiosidade indígena que é o Pajé (Silva (2013, p. 50).

Para Adilson Silva (2013), com a entrada de ritos religiosos não indígenas na aldeia Anambé, ocorreu uma espécie de desconfiguração dos credos e dos espaços sagrados desses indígenas. Uma vez que a maloca onde faziam suas reuniões, dançavam e faziam suas apresentações foi ocupado pela construção da sede da igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério de Madureira. E que devido não haver uma liderança religioso indígena, que se configurem na pessoa do pajé. E assim os Anambé vão aceitando as melhores propagandas religiosas que passam pela aldeia, sem quaisquer tipos de embaraço ou proibição por parte dos líderes desta comunidade, neste caso, o Cacique

Raimundo Anambé, que juntamente com esposa, dona Vanusa Anambé, também se converteu a uma igreja evangélica, o que nos leva a afirmar que os indígenas da aldeia Anambé tem livre arbítrio para seguir o credo religioso que achar conveniente (Silva, 2013).

É nesse contexto social religioso que o capítulo a seguir deste estudo vai tratar, a partir do auxílio teórico de autores e das análises dos dados da pesquisa, coletados através de entrevistas, das narrativas dos indígenas da aldeia Anambé, a respeito da presença dessas igrejas entre eles nesta aldeia, a partir dos seguintes questionamentos, como por exemplo: Como essas igrejas influenciam essa comunidade? Quais os impactos causados na cultura dos Anambé com a presença dessas igrejas? Com certeza, as indagações como estas podem nos ajudar a entender, como os membros dessa comunidade tradicional fazem a análise e compreensão da presença pentecostal refletida na prática diante de novos paradigmas que estes indígenas vêm enfrentando.

Da mesma forma, não se pode perder de vista da questão religiosa como pressuposto de organização social e que ainda procura adaptar-se aos novos modelos que a eles é apresentada, levando em conta a auto determinação cultural e dos processos de resistência para que se possa chegar a compreensão a respeito do que o processo de evangelização pode trazer para eles a partir de um novo posicionamento perante a religião e as resistências e negociações que são desenvolvidas por estes indígenas.

## **CAPÍTULO II**

### **AS IGREJAS PENTECOSTAIS E AS RESISTÊNCIAS INDÍGENAS NA ALDEIA ANAMBÉ, NO MUNICÍPIO DE MOJU-PARÁ**

#### **2.1. Caminhos de Pesquisa na Aldeia Anambé, no Município de Moju**

Neste capítulo é traçado a caracterização do campo de pesquisa, descrevendo sua estrutura organizacional, física e humana e quais as práticas religiosas atualmente vigentes na aldeia Anambé, e que influências exercem no cotidiano da mesma. No mesmo sentido, faz-se análises dos dados coletados no transcorrer da pesquisa, a partir da oralidade, que são as narrativas obtidas mediante entrevistas com os habitantes desta aldeia Anambé, na tentativa de compreender como percebem a presença das igrejas pentecostais que estão fazendo parte de sua realidade.

E assim, identificar se há alguma forma de resistência por parte dos Anambé em relação à presença destas igrejas e quais as interferências das mesmas nos credos indígenas. Visando, portanto, analisar de que forma essa presença religiosa influencia no processo de ressignificação cultural dessa comunidade e identificar quais os tipos de ressignificação cultural está ocorrendo.

A aldeia Anambé se localizada no rio Cairari, um afluente do rio Moju no estado do Pará, aonde se encontra uma parte da ancestralidade desse povo, é uma comunidade comprometida com a construção de uma sociedade mais justa, na perspectiva de formar lideranças que integram e contribuem para sua comunidade, buscando sempre transformar informação dos saberes ancestrais necessários à vida dos mesmos (SEDUC-PA, 2005):

A terra indígena Anambé foi demarcada por uma equipe do 2º Distrito Regional/FUNAI, em 1984 e homologada em 29 de outubro de 1991, pelo decreto nº 304. Publicado no Diário Oficial da União, de 26 de dezembro de 1991. Tem 7882 hectares, um perímetro de 42km e fica localizada a margem direita do rio Cairari, afluente do rio Moju, entre o igarapé Carrapatal ou Capinacaia e o Lago Grande (SEDUC-PA, 2005).



Contudo, segundo informam os indígenas mais velhos, a aldeia Anambé já existia nessa região há muito mais tempo, e que teria surgido a partir de vários conflitos entre as outras etnias que povoavam essa região do estado do Pará. A respeito desta fixação dos Anambé, a pesquisadora Suzana Braga de Souza (2016) afirma que:

Segundo a oralidade local, a comunidade Anambé se fixou às margens do rio Cairari, no município de Moju após o processo de guerra étnica e territorial como os Tembé, estes se reuniram com os Gavião, ocorrendo, assim, a miscigenação entre esses grupos indígenas. (SOUZA, 2016, p. 31).

Partindo dessas análises e tendo por base a narrativas que foram coletados por meio de entrevistas com os moradores mais idosos dessa aldeia indígena, acrescidas aos estudos de alguns autores que tratam deste assunto, verificamos que ancestrais do povo Anambé da região rio Cairari possuem um processo histórico que vem de um longo período, conforme se pode observar a partir dos relatos dos guardiões da memória, cultura e histórias de resistência desse povo.

Um exemplo de disso pode ser verificado a partir da fala do senhor Marrir Anambé, que entre outras informações, faz questão de ressaltar como aconteciam as brigas entre as etnias que ocupavam a região:

Esses Anambé não são daqui, eles são lá do rio Acará, fui de lá que eles subiro, que houve uma briga com os parente de lá de Gurupi, os Anambé eram os Anambé e os Tembé ero os Tembé, eles mataro um bucado, os Anambé também mataro um bucado. Depois se uniro Anambé e Gavião e brigaro com esse parente de lá, ai morreu um bucado ai se separo o anambé vem atravessa o rio Acará e vem subindo o Moju pra cima ai aqui na primeira cachoeira que tem, era suturno, não tinha nada mesmo era só mesmo. Ai eles atravessaro ai pro outro lado do Moju e daí pro Cairari. (Fala do senhor Marrir Anambé, 75 anos, morador da aldeia Anambé).

Com base nestas informações pode-se especular que esta aproximação das etnias indígenas pode ser considerada como um fator primordial para a formação atual do povo Anambé nas margens do rio Cairari, no município de Moju. Conforme menciona dona Maria Anambé, nos dias de hoje a maioria dos habitantes da aldeia Anambé possuem uma mistura de sangue Anambé/ Tembé ou Anambé/ Gavião:

Pra cá teve um confronto como o Gavião, né. Eles brigaro e os Gavião mataro o povo deles e eles mataro o povo dos Gavião, daí tinha um

garotinho que na verdade era Anambé/Tembé, a mesma coisa é a mamãe. Quando eles brigaro com os Gavião eles robaro um garotinho Gavião que cresceu e se casou com Anambé, esse índio é o pai do Marrir e o Marrir é Anambé Gavião (fala da dona Maria Anambé, 44 anos, moradora da aldeia Anambé).

No mesmo sentido, dona Augustinha Anambé também narra a respeito dessa miscigenação do povo Anambé, que teria sido causada por esse fluxo migratório e pelos conflitos étnicos com outras etnias, contribuindo para a constituição da atual aldeia. Conforme é possível ser observado na fala de dona Augustinha Anambé:

“Ela fui contando como fui, tempo de guerra tu sabe né, quando correu se separaro, Domingo Cabuco, João Miarim, Caí e esse Inaço tudo se espalhou no mato e foi ai que as irmã do Caí currero pra outra tribo ai ficou junto com os Anambé. Então ela disse que nós semos parte Gavião/Anambé, pois o Dumingo Cabuco era Gavião” (fala da Dona Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé).

Estas narrativas dos guardiões de memórias e histórias do povo Anambé também faz parte de trabalhos de pesquisadores que focaram seus estudos entre as etnias indígenas em questão, como por exemplo, Ferraz (1985) afirma que:

Com base em relatos de viajantes, a localização dos Gaviões era nas cabeceiras dos rios Jacundá, Capim e Moju, onde se refugiavam dos não índios, que adentravam a mata na corrida da lucratividade, se estabeleceram no nas margens do rio Tocantins e nas matas ao seu redor e nas cabeceiras do rio Moju, onde tiveram de fato “uma grande aldeias” (FERRAZ, 1985).

No mesmo sentido, Assis & Neves (2013) afirmam que os Anambé tiveram parte do seu povo dizimado no confronto com os Tembé e nesse processo de fuga se fixaram no rio Moju (ASSIS & NEVES, 2013). Souza (2016) por sua vez, compactua com as análises de Silva (2013) a respeito da miscigenação do povo Anambé ocorrida a partir da relação Inter étnica com os Gavião. Sousa destaca, ainda, que,

a aproximação entre as comunidades Tembé, Anambé e Gavião realizada no rio Acará, para formação da atual aldeia Anambé, com características diversificadas, vão desde a cultura, religião, política e estrutura social. Conforme se observa, este núcleo populacional indígena, se estabeleceu através de conflitos étnicos. É possível dizer que a aldeia Anambé atual se constitui de culturas diferenciadas, fruto de miscigenação, e que os Anambé usaram a natureza das guerras de comunicação étnica para sobreviver até os dias atuais ( SOUZA, 2016, p. 32).

Imagem 1: Senhora Augustinha Anambé, 79 anos, morador da comunidade Anambé, uma das guardiãs de memórias e histórias da Aldeia Anambé.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

Partindo destas discussões, é importante mencionar que a Reserva indígena Anambé fica localizada a margem direita do rio Cairari, afluente do rio Moju, entre o igarapé Carrapatal ou Capinacaia e o Lago Grande, ocupando atualmente uma área de aproximadamente 7.882 hectares. Nos dias de hoje a aldeia dos Anambé do rio Cairari dispõe de uma estrutura física, onde vivem 50 famílias divididas em quatro núcleos familiares, que juntos somam um total de 186 indígenas, que moram efetivamente na aldeia. Estes núcleos familiares, segundo Souza (2016), possuem como referência determinados espaços que estão dispostos dentro da aldeia, como: posto de saúde, campo de futebol, escola, e a casa do morador mais velho. Os quais foram organizados da seguinte forma:

Quadro I – Núcleos familiares da Terra indígena Anambé

NUCLEOS FAMILIARES	NUMERO DE FAMILIAS E ESTRUTURA
Eremum Anambé	17 Famílias, Escola e o Campo de futebol.
Baiano Anambé	15 Famílias, Posto de Saúde e a Igreja Pedra de Davi.
Marrir Anambé e dona Augustinha	11 Famílias e a Igreja da Assembleia de Deus Rocha Viva.
Pedro Anambé	07 Famílias.

Fonte: Senso Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI 2020).

Imagem 2: Núcleo Familiar, Aldeia Anambé.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

Imagem 3: Núcleo Familiar, Aldeia Anambé



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

A escola Aipã Anambé, nome em homenagem o último pajé desse povo, dispõe de uma estrutura física comum, com 02 salas de aula com central de ar; 01 espaço destinado para funcionar a secretaria, no qual foi improvisada mais uma 01 sala de aula;

01 dormitório dos professores com banheiro; 01 cantina; 01 banheiro masculino e 01 banheiro feminino.

Imagem 4: Escola Aipã Anambé, Aldeia Anambé.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

O Posto de Saúde da FUNAI, um dos pontos de referência para os núcleos familiares da Aldeia Anambé, foi implantado nesta aldeia em 1988. Este posto possui uma estrutura contendo: um consultório médico de clínico geral; um consultório dentário; uma cozinha; e um dormitório. Enquanto os atendimentos prestados aos Anambé no referido posto são feitos mensalmente, quando os médicos fazem visitas na aldeia. Uma enfermeira permanece na aldeia durante 15 dias por mês, por isso quando os Anambé necessitam de atendimento médicos mais complexos fora destes períodos são obrigadas a procurar ajuda dirigem outros atendimentos em postos de saúde e no Hospital da cidade de Mocajuba. Dentro da comunidade existem três indígenas que exercem a função de agente de saúde e acompanham as famílias juntamente com as enfermeiras diariamente. Essa comunidade tem acesso a todos os programas de saúde, principalmente de vacinação.

Contudo, o referido posto de saúde, quando funciona, atende exclusivamente os moradores da Reserva Anambé. Conforme afirmou a enfermeira Auriane, que estava de plantão no período dos períodos que estávamos realizando pesquisa de campo, o referido posto possui uma estrutura física e funcional que supre as necessidades dos Anambé.

Imagem 5: Posto de Saúde FUNAI, Aldeia Anambé.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

É importante ressaltar que na ausência de médicos e dos remédios da medicina oficial, os alopáticos, quando são acometidos de alguns problemas de saúde, é muito comum os Anambé fazerem da medicina tradicional a base de plantas e ervas com propriedades curativas. As técnicas de manipulação de ervas e plantas que curam são saberes manobrados pelas pessoas mais idosos da aldeia, que dizem ter aprendido com seus antepassados e são responsáveis pela transmissão entre os mais jovens, mediante o uso de chás, garrafadas, banhos, unguentos e fomentações, feitos com ingredientes facilmente encontrados na aldeia e seus arredores.

## **2.2- O Ciclo de Pajelança na Comunidade Anambé: memórias e histórias de resistências vivencias e saberes ancestrais**

Neste item será evidenciado a partir das análises dos dados coletados, através de entrevistas, com os moradores da Aldeia Anambé e o pastor de uma das igrejas

pentecostais que existem nesta aldeia, qual a influência e os impactos causados por estas igrejas dentro dessa comunidade indígena e as resistências e negociações que são estabelecidas por esses indígenas.

Segundo afirma Eliade, as práticas religiosas ancestrais do xamanismo, ou pajelança, dentro das comunidades tradicionais sempre teve lugar de destaque, pois seus habitantes praticam rituais de cura através da natureza. Esse tipo de prática religiosa é característica dos povos ancestrais, pois tem “uma função religiosa-espiritual primordial no grupo, sendo o principal descodificador do sistema de referência simbólico e da visão de mundo indígena” (ELIADE, 1964). Ainda segundo este autor:

A palavra ‘xamamismo’ deriva do russo-tungue ‘saman’. É um fenômeno mágico-religioso predominante na Ásia Central e Setentrional. Envolvendo magia, crenças em espíritos, concepções mitológicas e técnicas de êxtase, embora em formas variadas, também está presente em quase todas as sociedades primitivas/indígenas do mundo. Mesmo que podendo coexistir com outras práticas mágicas, normalmente, a vida religiosa gira em torno do xamã, uma das figuras mais importantes no contexto destas sociedades. Há vários nomes para caracterizar um xamã: ‘medicine-man’, feiticeiro, mago, curandeiro, pajé, sacerdote, místico (ELIADE, 1964, p. 15).

Dentro desse contexto, observa-se que na aldeia Anambé, até o final da década de 1990, era muito comum a utilização da pajelança praticada pelos mais velhos habitantes desta comunidade, os fundadores da aldeia. Durante as atividades de pesquisa de campo, ouvimos narrativas dos entrevistados da pesquisa que faziam alusão a existência de pelo menos três pajés que viveram nesta aldeia, os quais se caracterizavam como os guias espirituais desse povo, pois além no auxílio nos momentos de doenças, eram respeitados como liderança social e espiritual.

### **2.2.1- Pajé Becur: guardião de saberes ancestrais e representatividade feminina entre os Anambé do rio Cairari.**

Entre as narrativas dos Anambé que fazem referências aos pajés dos Anambé, chama atenção os relatos destacando a presença de uma ancestral conhecida por todos como Becur Anambé, que para maioria é vista como uma guia espiritual muito importante, a qual se referem com respeito e muita admiração. Segundo afirma Eliade (1964), nesse modelo de sociedade não precisa ser homem, e sim, ter o dom:

Os xamãs, que podem ser homens (predominante) ou mulheres, são seres ‘eleitos’ e, como tais, têm acesso a uma forma, a um nível do sagrado que é inacessível aos outros membros do grupo/comunidade/tribo. O xamã tem o dom, a capacidade de se comunicar com mortos, com os espíritos dos antepassados e com espíritos da natureza (animais). Como técnica-êxtase de contato com o sagrado, o xamanismo envolve transe, transmutação e contato com espíritos (inclusive de outros xamãs), de seres míticos e de animais; oferece proteção e cura espiritual e física (conhece as propriedades medicinais das plantas e dos animais) (ELIADE, 1964, p.15).

E assim, como mensageira entre o mundo natural e espiritual, o sobrenatural, do seu povo, Becur Anambé, foi enquanto viveu entre a sua gente, e é vista como uma figura enigmática muito lembrada, referenciada e respeitada entre os mais velhos os mais jovens dessa comunidade indígena, como alguém que por conseguir dialogar com espíritos e encantados era possuidoras de inúmeros saberes que asseguravam o bem estar da sua gente. O senhor Marrir Anambé se refere da seguinte forma a ancestral Becur como formadora dos outros pajés do seu povo, aos quais delegou como herança os seus saberes ancestrais:

Ela adivinhava, ela fazia um serviço pra pessoa se ela dissesse esse tem vida ou esse não tem vida ela acertava, era uma pajé de dom mesmo. Ela não falava português, era só na nossa língua, vai manú, ai manú, ou vai morrer, pouco fala no português. O Domingo cabuco aprendeu com ela, ele e o Aipã. (Fala do senhor Marrir Anambé, 75 anos, morador da aldeia Anambé).

Imagem 6: Senhor Marrir Anambé, 75 anos, morador da comunidade Anambé, um dos habitantes mais velhos habitantes desta aldeia, é visto com um dos guardiões das memórias e costumes desse povo.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

Outro sábio, guardião das memórias do povo Anambé, que acompanhou a trajetória dos mais antigos, o senhor Jacó, de 85 anos de idade, também narra como era o dom de vidência da pajé Becur e como esta mulher indígena ajudava o seu povo nos momentos de captura de caça no mato, devido ao seu entendimento dos diferentes sinais, sons ou ecos emitidos pela natureza:

Quando os índios iam caçar porco na mata, ela ia junto e escutava no chão, ela colocava a cabeça no chão e ficava escutando e dizia para os caçadores que os porcos não estavam longe, ai segui, aqui e acola ela baixava pra escutar e quando tava perto ela avisava, pra eles fazer flecha. Naquele tempo só caçava no taquará (Fala do senhor Jacó, 85 anos, morador da frente da aldeia Anambé).

Dona Augustinha Anambé, 79 anos, também afirmou que lembra muito bem de Becur Anambé, vista como uma índia grande e bonita e que maneja com desenvoltura seus dons de cura, vidência e escuta dos sinais da natureza:

Ela butava um negócio grande na cabeça e saia dançando e rudando, ai ela butava a cabeça no chão e sabia o que ia e o que não ia acunteçe, ela

era uma índia muito grande e bonita, ai ela cortava no morototó e fazia dai do mato que escutava lá pra Vila Elim (fala da Dona Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé).

Contudo, embora os saberes e as representações religiosas praticadas pela pajé Becur Anambé, ainda faça parte dos relicários de memórias dos Anambé, seja latente nas lembranças dos mais velhos habitantes desta aldeia, a partir dos anos, com o avançar da sua idade, seus feitos sobrenaturais também passaram a amedrontar os indígenas mais jovens. Pois, conforme narram os colaboradores deste estudo, foram sendo criadas, pelos próprios indígenas, muitas histórias a respeito desta mulher pajé, como, por exemplo, que ela se transmutava em animais e comia crianças, por isso os mais jovens passaram a ficar com medo dela, principalmente, após sua morte. Inclusive, muitos dos entrevistados se negaram a falar sobre está pajé sob a justificativa que sentiam medo do espírito dela:

Ela era uma índia muito braba, não gostava de homem branco, e quando ela ficou velha era farta da vista, ai deixava ela no mato. Sabe como é, pra tudo efeito, antes os índios mais velhos que custava a morrer já ia virar miuã (virar bicho), que se falava num tal de cupelobo que o índio velho que virava. Então eles io e deixavo ela no mato, meu avô que contava, e mesmo sem enxergar ela conseguia voltar pra tribo, ai eles ficava com medo dela (Fala da Dona Maria Valdeniza Anambé, 44 anos, moradora da aldeia Anambé).

Observa-se a partir de narrativas como esta que essa representação a respeito desta mulher pajé indígena, principalmente para os mais jovens, ficando mais evidente após a morte desta. Mas, para os mais velhos as lembranças emergem como está mulher sendo uma sábia possuidora de inúmeros saberes naturais e sobrenaturais, que entendia e fala as diferentes linguagens da natureza, de rios matas e igarapés. Por isso a sua morte foi motivo de espanto e surpresa entre os Anambé, devido não ter ocorrido como a morte dos demais da aldeia, pois, a pajé Becur teria desaparecido na mata, se transfigurando, se encantado, em ente da natureza em um toco(troco) de tauarizeiro grande, já que não houve corpo para fazer o seu enterro:

Eu me lembro assim, ela tacho fogo na casa dela e se queimou muito. Ela não enxergava não, ela só aparando. Ai o pessuá tinha raiva dela, num tinha amor no outro, os antigos, ai deixavo ela lá no toco do tauarizeiro grande, lá na mata. Ela morreu pra lá que ninguém interraro ela, num tinha amor em ninguém, né! (Fala do senhor Marrir Anambé, 75 anos, morador da aldeia Anambé).

Nas lembranças do cacique Erémun Anambé, da aldeia Anambé do rio Cairari, no município de Moju, a imagem de Becur Anambé aparece como adivinhadora, conhecedora de muitos saberes ancestrais advindo da natureza. Porém, também faz referências a respeito dos costumes indígenas de auto suficiência, quando a necessidade por sobrevivência do grupo, que transitava pelas matas da região e em muitas ocasiões, por disputa de espaços, nos quais poderiam caçar, pescar e coletar frutos, se envolviam em confrontos com outras etnias indígenas, como ficou evidente no início deste capítulo. Nestas condições pessoas idosas ou com algum tipo de deficiência, por não possuir destreza suficiente para empreender longas caminhadas e angariar o necessário para a sua própria sobrevivência, como caçar, pescar, coletar e fazer o seu tapiri, eram abandonadas na mata:

Ela era uma índia que adivinhava, e quando sabia pra onde a pessoa estava e que horas iria chegar do mato, quando ela ficou idosa eles ia deixar ela no mato pra vê se ela desaparecia pra lá, mas quando eles chegavo ela já tava na casa, chegava primeiro que eles ainda, eles ficavo cismado porque ela era uma velha cega e como ela chegava primeiro? Porque é assim né! De tanto velho, isso era uma cultura deles, pra num dá trabalho eles fazio isso de deixar os velhos no mato pra sumir pra lá. Ainda mais que falaro que sumiu uma criança e nunca mais apareceu, ai cismaro que ela que comeu a criança e ficaro com raiva dela. (fala do senhor Erémun Anambé, 50 anos, cacique da aldeia e morador).

Mas, o respeito e admiração que os Anambé delegam a essa guardiã dos saberes ancestrais indígenas é muito maior que o temor, conforme se observa a partir das narrativas coletadas durante as atividades de pesquisa, como de dona Titon Anambé, 84 anos:

Ela cantava, cantava, a vovó Becur cantava, ela fumava de taquari, enrolava o fumo no taquari e chupava, só chupando pra dentro, ai ela escutava assim na terra e chamava “Ipãmu o teu pai vem ali, bem ali onde o pessoal tá morando” e era dito e certo (Fala da Dona Titon Anambé, 84 anos, moradora da aldeia Anambé).

Desta forma, Becur Anambé foi guardião de saberes ancestrais que ocupou o feminino entre os Anambé. Conforme menciona Silva (2013), a partir de relatos indígenas, como do senhor Marrir Anambé, após a morte da pajé Becur os ritos de pajelanças se reencarnaram em Aipã Anambé, que passou a realizar suas seções de cura com invocatório dos espíritos, proveniente da própria fauna e flora existentes na reserva indígena Anambé, fazendo remédios do mato, usando casca de pau, ervas e folhas

(SILVA, 2013, p. 52). E desta forma, conforme afirma Villas Boas, a competência dos pajés está relacionado ao processo de cura, que se compreende em ritos mágicos nos quais se encerram a total libertação do enfermo, cuja doença foi ocasionado por espíritos mal, que podem castigar os indígenas por sua desobediência ou pelas atitudes que desagradam os seus ancestrais (Villas Boas, 2000, p. 48 apud Silva 2013, p. 52).

Imagem 7: Erémun Anmbé, 50 anos, cacique da aldeia Anambé



Fonte: Arquivo pessoal de Vanuza Anambé, cedida a pesquisadora no decorrer das atividades de pesquisa de campo, 2019.

### **2.2.2- Pajé Domingos Caboco, herdeiro de saberes encantatórios da pajé Becur, na aldeia Anambé.**

O segundo pajé participante desta representação religiosa indígena na aldeia Anambé foi Domingos Caboco, que foi um dos indígenas desta aldeia, que aprendeu e desenvolveu a pajelança a partir dos ensinamentos partilhados, através dos dons adivinhatório e de cura com ervas e plantas da pajé Becur. Domingos Caboco, além de ser respeitado como pajé, exercia forte liderança ente os Anambé, pois na condição de cacique tomava as decisões pelos habitantes desta comunidade indígena. Dona

Augustinha Anambé, 79 anos, narra muito bem como a liderança deste pajé cacique se dava entre os Anambé:

Outro grande pajé da tribo foi o Domingo Cabuco quando chegava lá, ali... cortava, gira lá de frente, se ele aceitasse, subia. Ele batia a flecha, blim... tudo mundo recuava. Ele usava pena, tinha buraco assim e assim de arara, chapelão dele era enorme, tudo quanto era coisa no pescuço. A dança dele era muito bonita, tinha aquele pau grande de murototó; né! Ele fazia salão e batia tei, tei, pereirare. tei, tei, pereira. Agora não, perdero; né! Era muito bonito (Fala de Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé).

Pode-se observar através de narrativas, como esta, de dona Agostinha, que o perfil de liderança espiritual ligada aos seres e crenças provenientes da natureza do povo Anambé tem como característica marcante a figura do pajé, por ter livre árbitro entre o plano natural, onde vivem os humanos, e o sobrenatural onde habitam os espíritos e seres encantados, era respeitado, tanto como líder espiritual, que aconselhava e curava a sua gente, como líder político, mediante a sua condição de cacique, liderava, guiava, defendia e protegia o seu povo social e culturalmente.

Na condição de pajé sua proteção era contra os seres ruins da natureza, dos encantados e espíritos malignos, que podiam atrair castigos e doenças para os habitantes da aldeia por isso dialogava muito bem com os seres da natureza, que habitam matas, rios e igarapés para atrair boas energias de cura e proteção, resguardando assim saberes tradições do seu povo. Na condição de cacique a sua proteção vinha principalmente contra o homem branco, o não indígena, que visto como sinais de muito perigo para o seu povo, pois o contato, as invasões deste nos limites das terras indígenas, atraía desgraça, doenças, desagregação e muitas perdas para os Anambé. O senhor Jacó, 85 anos, esses papéis de lideranças do pajé e cacique Domingos Caboco:

Olhe, quando o Domingos Cabuco estava nessa aldeia ai, quando chegava branco no porto, ele descia com o arco e a taquara dele, só encostava e subia pra terra o branco que ele queria, se não, ele fazia vortá de lá mesmo. Os outros índios ficavam tudo em terra, num descia nem um (Fala do senhor Jacó, 85 anos, morador da aldeia Anambé).

Nestas vivências permeada pelas lideranças do pajé e cacique Domingos Caboco, os colaboradores da presente pesquisa, na sua maioria os mais velhos moradores da aldeia Anambé, como é o caso do senhor Jacó, deixam emergir lembranças dolorosas para esta população indígena, ao narrarem que o seu líder espiritual e político, assim como outros

indígenas morreram por ocasião de surto de sarampo, responsável por grande mortandade entre os indígenas da região: “eles eram muitos, tinha muito índio mesmo, mas quando deu o sarampo e ninguém sabia como era, eles morriam muitos todos os dias” (Senhor Jacó, 85 anos, morador da aldeia Anambé). No mesmo sentido, dona Maria Valdeniza Anambé, 44 anos, também revisita lembranças, algumas delas herdadas das pessoas mais velhas que vivenciaram este momento trágico para os Anambé:

Quando eles chegaro nesse papagaio(lugar) foi que aconteceu a epidemia de sarampo ai, ai que não sabia como era que tratava, eles fazio uma fogueira enorme e sentavo tudo ao redor, ai quando esquentava bem eles pulavo na agua pra passar a febre né, ai complicava mais. Ai morria tudo ai, na beira do rio (Dala da Dona Maria Valdeniza Anambé, 44 anos, moradora da aldeia Anambé).

A epidemia de sarampo, além de matar muitos Anambé, também, levou junto a sua liderança maior naquele momento, o pajé e cacique Domingos Caboco. E assim, esta população indígena mais uma vez vai se reinventar e resistir para continuar existindo nas margens do rio Cairari. Desta forma, tem razão Maria Cruz (2016), ao afirmar que os Anambé há muito resistem as transformações e tentam preservar o seu modo de vida, a sua cultura, a sua religiosidade, e que a ausência do pajé, o contato e a aproximação com os não indígenas, assim como a interferência de outros credos religiosos, como por exemplo das igrejas pentecostais podem fragilizar crenças e rituais desses indígenas. Uma vez que ao se sentirem órfãos da sua principal liderança, que maneje e entenda as diferentes linguagens dos seres da natureza, que é o pajé, então vão em busca de outras divindades religiosas para suprir a ausência deixada pelo pajé, um dos principais responsáveis pela transmissão dos seus saberes e ritos ancestrais (CRUZ, 2016, p. 33).

### **2.2.3- Aipã Anambé, filho herdeiro de saberes e descendência de Becur Anambé**

O pajé Aipã Anambé que era muito respeitado dentro e fora da aldeia Anambé, é visto pelo seu povo como o último representante do ciclo de pajelança iniciado por Becur Anambé, a pajé que ensinou Domingos Caboco e Aipã Anambé os manejos dos diálogos e saberes advindos da natureza, com seus ritos, linguagens, entidades espirituais, encantatórias, assim como as técnicas para manipular plantas, folhas, raízes, seivas e sementes que curam, mediante os saberes ancestrais da sua gente. Os Anambé acreditam que após a morte de Becur Anambé, os seus dons de pajé teriam reencarnados no seu

filho Aipã, que também se tornou pajé e cacique da aldeia. Segundo a oralidade local, o pajé Aipã era muito sábio e respeitado por todos, era ele que determinava os períodos de caçadas, pescarias, coletas de frutos, pois, segundo Eliade (1964):

As principais vias de recrutamento (formas de reprodução, digamos assim) dos xamãs são: a) transmissão hereditária do poder/estatuto; b) vocação espontânea - ‘chamamento’ ou escolha por partes dos deuses, dos espíritos. Qualquer que tenha sido o método de seleção (hereditário e/ou chamamento), um xamã só adquire o reconhecimento social após ter recebido instrução de dupla ordem: a) extática, através de sonhos, trances e b) tradicional - técnicas xamânicas, nomes e funções dos espíritos, mitologia e genealogia do clã, linguagem secreta, etc. A investidura de um novo xamã está a cargo dos espíritos e dos velhos mestres xamãs. Como um rito de iniciação (no sentido de van Gennep e Turner), a ‘posse’ acontece normalmente numa cerimônia pública e constitui por si só um ritual autônomo; no entanto, poderá também ter ocorrido em sonho ou durante um estado de êxtase do iniciado (ELIADE, 1964, p. 19).

Neste sentido, partindo dessa perspectiva a representação religiosa na figura do pajé entre os Anambé, que se localizam nas margens do rio Cairari, teve um ciclo iniciado entre os mais antigos, começando com a figura feminina de Becur Anambé, Domingos Caboco Anambé e Aipã Anambé, todos estes faziam parte dos primeiros Anambé que se fixaram nessa região, conforme a oralidade local os dois pajé eram filhos da pajé Becur. Segundo narra a senhora Maria Edenilza Anambé, 44 anos, o pajé Aipã Anambé era muito poderoso, era visto como alguém que conhecia o designo entre a vida e a morte:

Ele cantava a música dos espíritos que era mais ou menos assim “anamburá, bura, peneuã/ ararui, re, rê/ara ru re rê”. Daí o pajé ficava dançando e cantando rei..., rei..., rei... rei!. A Camapú abria e ele ficava só como chocalhozinho, que é uma árvore que dá e se chama sapucaia que é igual a um orço. Aquilo Lelé botava brasa de fogo e jogava um breu em cima pra fazer fumaça e ficava defumando a pessoa, ai ele saía dançando e ela batendo e soprava a fumaça na gente. Quando eu estava com febre, era criança ele rezava em mim e passava a febre. Ele era muito poderoso (Fala da Dona Maria Valdeniza Anambé, 44 anos, moradora da aldeia Anambé).

Nas análises de Lévi-Strauss (1970), o xamã, é um mediador entre os espíritos e os seres humanos, que mantém “relações íntimas com as forças sobrenaturais”, “tem uma função religiosa-espiritual primordial no grupo, sendo o principal descodificador do sistema de referência simbólico e da visão de mundo indígena” (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 188).

Outro relato que expressa à importância do pajé Aipã Anambé entre seu povo é do cacique Erémun Anambé, 50 anos, cuja narrativa demarca que o povo Anambé depositava inteira confiança neste pajé:

Quando ficava alguém da tribo, ficava doente mandavam chamar o pajé Aipã, e ele atravessava a tribo cantando e dançando, e ia curar a pessoa. Todos confiavam nele, pois ele era muito poderoso, se ele dissesse que ia viver, vivia, se ele dissesse que ia morrer, não tinha jeito, morria mesmo. Me lembro o caso do Betudo, que deu muita dor e diarreia, e ele mandou chamar o pajé, e ele veio cantando de lá pra cá, ai chegando lá, ele disse que não tinha jeito, e o Betudo foi piorando, e não teve jeito (Fala do senhor Erémun Anambé, 50 anos, cacique da comunidade e morador).

Dona Titon Anambé, 84 anos, outra guardiã de memórias e histórias do seu povo também faz referência aos feitos do pajé Aipã:

“ele curava a gente e cantava mararrir, e chupava a mão e butava a mão no cabelo da gente, no peito da gente e suprava e falava mararrir.....,mararrir.....! e curava a gente mesmo” (Fala da Dona Titon Anambé, 84 anos, moradora da aldeia Anambé).

Contudo, essa última representação religiosa do povo Anambé morreu de tristeza, de paixão, no final da década de 1990, quando o seu estado de saúde se agravou após a morte de sua esposa, Camapú Anambé:

Ele se atracava no pau do tauari pra chamar a mulher dele que murreu, ai ele se lembrava dela a Camapú, ele se abraçava no pau e chamava ela “Camapú, Camapú” tudo dia ele chamava ela, amodo que ele tava rogando pra ela. Ai por isso que ele murreu com sina da mulher dele, pois desde o dia que ela murreu ele chamava ela “Camapú, Camapú” e chorava lá agarrado no pau (Fala de dona Titon Anambé, 84 anos, moradora da aldeia Anambé).

Desta forma, Aipã Anambé é reconhecido como o último pajé dos Anambé, porém, estes indígenas acreditam que o seu espírito, o seu dom está guardado pelos espaços da reserva Anambé, pronto para encarnar em alguém que mereça e tenha interesse em recebê-lo, e assim continuar a representatividade e transmissão dos saberes ancestrais desses indígenas. Segundo afirma Silva (2013),

Embora o pajé não habite em pessoa no meio dos Anambé, já há um processo de iniciação deste no seio da comunidade e que o espírito dos sábios, dos pajés, conforme acreditam, mais cedo ou mais tarde irá se

manifestar com maior intensidade sendo reconhecido e dando reconhecimento aquele índio que no meio do demais seja escolhido, ao qual todos deverão o respeito. Enquanto isso não acontece, observamos que as práticas religiosas dos Anambé, embora tenham vivenciado a arte da pajelança e os ritos do catolicismo, estes estão ingressando no protestantismo, onde dos 152 habitantes cerca de 70 índios são adeptos do protestantismo. O presente estudo também observou que embora estes estejam comprometidos com o protestantismo, não deixaram de praticar seus costumes e culturas, voltados a tradições indígenas com dança, cantos, artesanatos e pinturas corporais (SILVA, 2013, p. 61).

Neste sentido, é possível verificar que ainda há entre o povo Anambé fortes indícios de religiosidade indígenas, pois ainda é muito intensa a crença no poder de pajés como guia espiritual. As narrativas dos entrevistados demarcam a importância e o lugar delegado pelos Anambé a representação religiosa do pajé, cuja ausência deixa uma lacuna, que dificulta a manutenção e transmissão de hábitos, costumes praticas religiosas e culturais desse povo, uma vez que a morte do pajé pode significar perda de parte da essência disso tudo. Porém, conforme afirmam os habitantes mais velhos da aldeia Anambé, esta lacuna da ausência da figura do pajé na aldeia é decorrente da não aceitação de alguns indígenas que, mesmo demonstrando que possuem algum tipo de mediunidade, com capacidade de incorporar espíritos e encantados, não querem, pois tem conhecimento de que o ritual de pajelança exige muita preparação espiritual para só então se tornarem aptos a receber os entes de cura. Contudo, conforme afirma Silva (2013), o povo Anambé, ainda tem esperança de que um dia desse um indígena seja escolhido e tenha coragem de se deixar ser habitado por espíritos próprios dos pajés, e assim venha viver no meio deste povo, efetivando curas, livrando-os dos infortúnios e praticando rituais de pajelança (SILVA, 2013, p.63).

### **2.3- A Presença das Igrejas Pentecostais entre os Anambé do rio Cairari, no Município de Moju**

Neste tópico é apresentado como se deu o processo de inserção das igrejas pentecostais dentro da Aldeia Anambé e como se dá atuação das mesmas junto a esses indígenas e que tipos de resistências desenvolvem diante destas.

Segundo assevera Silva, as igrejas evangélicas começam a se instalar entre os Anambé, após a morte do pajé Aipã Anambé, a partir do ano 2000. Neste período alguns Anambé passaram a frequentar a igreja Católica na Cidade de Mocajuba, onde batizavam seus filhos e participavam da festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira deste, enquanto outros começaram a estabelecer contatos regulares como adeptos de igrejas evangélicas vizinhas, principalmente, os pentecostais (SILVA, 2013).

A pesquisadora Susana Souza (2016) afirma, que após a morte do último pajé dos Anambé, o cacique Pedro Anambé estreitou amizade com um pastor da Igreja Evangélica da Vila Elim, a Missão Evangélica Índios do Brasil (MEIB)<sup>1</sup>, que acabou facilitando a organização desta igreja entre os Anambé:

a permissão para a instalação das religiões evangélicas na aldeia foi facilitada devido aos sérios problemas que jovens e pais de famílias indígenas vinham enfrentando com o alcoolismo. Por isso, observavam que as pregações religiosas seriam uma alternativa para se livrar do álcool, visto que, de acordo com a percepção local, o convertido sairia do vício. Assim, atualmente, mais de 50% dos moradores da aldeia Anambé estão convertidos à igreja evangélica (Souza, 2016, p, 56).

Dona Augustinha Anambé, 79 anos, narra muito bem como foram estes contatos:

a primeira igreja pentecostal que teve nessa região foi logo aqui, bem em frente da Vila Elim, era de madeira, cuberta com cavaco, depois arrumbaro essa daí e fizeram já uma mais pra terra, depois turnaro derruba essa uma, fui que fizeram essa uma grande já de alvearia grande já lá pra terra, tive três igrejas pra lá (Fala da Dona Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé).

---

<sup>1</sup> A Missão Evangélica Índios do Brasil é um órgão religioso que alcança os povos indígenas brasileiros, expandindo entre os indígenas o Evangelho, através da transmissão da visão missionária.

De acordo com narrativas, como da dona Augustinha, no início os indígenas iam de canoa para a Vila Elim para participar dos cultos juntamente com alguns ribeirinhos da região.

E eles io.. o finado Simpriço, a Jabuti Catú e tinha um homem que chamavam velho Gome e o outro Nacô, ai eles cantavo “Jesus ressurgiu”. E essa uma, que é a mãe do Marri, ela arremedava eles dizendo que Jesus não ressurgiu, ele escundiui-se da cruz, ai o Simpriço se morrendo chamava Gom, Gom que era o Gome na língua dele, e Có, Có era o Nacô, ai vinho cantando e achando graça dela e o casco pei, pei pei. Era bunito, tu falando (Fala da Dona Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé).

Porém, conforme se observa na narrativa o ir ao culto na Vila Elim era mais um acontecimento para sair da aldeia, para se divertirem, rirem e também demonstrarem resistência diante dos cânticos e das pregações que eram feitas, como por exemplo, se verifica no seguinte trecho da narrativa de ona Augustinha Anambé: “E essa uma, que é a mãe do Marri, ela arremedava eles dizendo que Jesus não ressurgiu, ele escundiui-se da cruz” . Desta forma, nesse período, alguns Anambé se deslocavam por conta própria para os cultos que eram praticados na Vila Elim, sem ter nem um compromisso, ou seja, poderiam exercer seus cultos religiosos ancestrais sem nem uma intervenção de fora da comunidade.

Por outro lado, alguns indígenas da aldeia Anambé afirmam que a presença das igrejas pentecostais na aldeia é vista como uma benção divina, pois as mesmas conseguiram resolver vários problemas sociais, sendo que o mais citado o problema da violência causado pela bebida alcoólica entre os indígenas. O senhor Marrir Anambé fala a respeito disso:

Olha, sobre a igreja ai, pelo que estu vendo o nosso Tupã, Tupã que nós chama o pai do céu, o nosso Tupã ele está fazendo uma obra bão, bão, por uma parte, pois ele evita esse negócio de droga, bibida cólica, tava surgindo muito aqui na aldeia, muito, muito. Querio se mata um o outro, já murreu dois Anambé, murreu de graça, não porque parente matu, outro branco matu por causa de bebida. Já tem pessoas aqui, os meus filhos, a minha prima tão batizado pelo Tupã em estragero. Tupã é o Espírito Santo (Fala do senhor Marrir Anambé, 75 anos, morador da aldeia Anambé).

Outro relato a respeito do papel das igrejas pentecostais dentro da aldeia Anambé é de dona Augustinha Anambé, 79 anos, que a destaca como responsável por minimizar os problemas sociais e comportamentais ocorridos entre os Anambé, isso tudo após a perda do último pajé desse povo. A colaboradora da pesquisa afirma que foi batizada no pentecostalismo:

Pra mim eu tu na benção, aqui com essa igreja, eu tu, graças a Deus, graças a Deus, meu filho sabe aqui era tiro, era quem bandalhava a casa do outro, butava gente de casa né, ia agora não, graças a Deus eu durmo sossegada, eu canso de vim de lá daquela igreja chegar aqui, e ir dormir ali no ritiro do meu filho, aqui num siputava, pra mim é uma bença, me sinto feliz termina o curto tudo procura casa ai é uma vida boa. Eu falo mesmo quando eu vejo mermo, não quero bebida aqui, não quero, porque me alembro do que acuntecia, era tiro pei, pei ! atirando bebo com risco de pegar na casa, eu não aceito, Deus me livre (Fala da Dona Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé).

Além desse fator dona Augustinha também relata, que a presença das igrejas ajuda na educação dos mais novos criando um ambiente de melhor convivência dentro da comunidade:

Então o lado bom que vejo na presença da igreja é que ela trás muitos benefícios bom pra dentro da aldeia né! Trás obediência pro filho, pra ensinar os filhos a ser obediente como os pais isso é muito importante. Então ter conhecimento das coisas né! Porque, porque as vezes as pessoas faz tanta maldade, não sabe nem porque tá fazendo porque não tem conhecimento das coisa e nisso a igreja ajuda muito (Fala da Dona Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé).

Outro relato feito por dona Augustinha foi sobre a primeira conversão entre os Anambé ao pentecostalismo que segundo ela ocorreu dentro da comunidade:

O primeiro pastor da aldeia indígena Anambé foi o Pereira, e a primeira índia a se converter foi a Mariú, ai essa Mariú fui lá na igreja e se converteu, ai tinha curto lá no Urubu e ela ia com o pastor Pereira, ela murreu crente(Fala da Dona Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé).

Imagem 8: Igreja Pedra de Davi, Aldeia Anambé.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

Observa-se desta forma que esse fator social, de minimizar conflitos entre os indígenas, causados por influência externa, no caso o alcoolismo, aparece como maior aceitação destes indígenas pelas igrejas evangélicas, como por exemplo, se observa na narrativa da senhora Maria Valdenilza Anambé:

Faz dez anos que vivo na igreja, eu aceitei Jesus na época foi na Assembleia de Deus né, aí depois...acho que foi 2009 ou 2010, a Madureira entrou aqui aí foi bem recebida graças a Deus e nesse tempo a bebida era muito auto, era muito grande, era muita briga, as vezes a gente não durmia, chegavo a se corta por causa de bebida. Então depois que a igreja chegu e entrou o evangelho as coisa mudaro né! Diminuiu a bebida que agora a gente vê, pra mim o evangelho entrado aqui é uma boa opção, porque por mais que a gente seja índio não vivia uma vida sossegada porque onde há bebiba, bagunça já sabe num vai se coisa boa brigavo mesmo, discutio. (fala da Dona Maria Valdeniza Anambé, 44 anos, moradora da aldeia Anambé).

Não é difícil expor as concepções acerca da importância da presença das igrejas pentecostais nessa comunidade como fator determinante, segundo o olhar de alguns habitantes da aldeia Anambé, que procuram nestas igrejas solucionar situações que envolvem desarmonias no cotidiano dos seus habitantes, o que contribuem para que elas possuam um conceito formado sobre o tema. O que não nos permite afirmar que as definições de religiosas apresentadas por elas nessa comunidade estão cem por cento

certas ou erradas, pois falam de suas experiências cotidianas por isso formulam suas próprias concepções.

Imagem 9: Dona Maria Valdeniza Aambé, 44 anos moradora da comunidade Anambé, uma das habitantes mais velhas da Aldeia Anambé e um dos guardiões das memórias e costumes desse povo.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

Ribeiro (2014), ao se referir à religiosidade indígena afirma que passaram por muitas mudanças, por isso não se deve esperar que os povos indígenas continue sendo a cópia fiel de seus antepassados, sem nenhum tipo de transformação. Pois já passaram por várias modificações, mas que nem por isso perderam a sua identidade étnica. Dessa forma, o processo de contato e estabelecido com os não indígenas, trouxe juntamente, a presenças de inúmeras ordens religiosas para dentro das aldeias, como a presença de padres da igreja Católica juntamente ao CIMI (Conselho Indígena Missionário), assim como, pastores das igrejas evangélicas. Diante disso, pode-se dizer que esta população sempre esteve arremetida a atuação de novas práticas religiosas de origem não indígena. E neste caso, é compreensível que muitos dos seus habitantes tenham aderido outras formas religiosas. Pois, como se observa atualmente, no caso das igrejas evangélicas,

estas buscam cada vez mais ganhar espaço dentro da aldeia e, dessa forma, ganhar adeptos para suas ordens religiosas, usando estratégias para que isso ocorra, indo desde incentivar a participação de jovens e crianças em seus cultos, com o desenvolvimento de diversas artimanhas, assim tentam desconstruir as crenças do povo indígena em torno da figura mítica do pajé. Porém, não se pode negar que tal presença enfrenta resistência, pois é questionada, surgindo assim oposição sobre a presença dessas igrejas, já algumas lideranças, que não aderiram tais religiões buscam incentivar os ritos religiosos dos próprios indígenas (RIBEIRO, 2014, p 79), portanto se opondo a credos religiosos vindos de fora, não indígenas.

#### **2.4 - Ressignificação Cultural e o Processo de Resistência a Presença das Igrejas Pentecostais na Comunidade Anambé**

Os povos indígenas desde os primeiros contatos com os não indígenas sempre apresentaram resistência às imposições feitas por esses principalmente do ponto de vista cultural e religioso. Pois, durante todo o processo de ocupação de seus territórios e ainda nos dias de hoje resistem, lutam em busca de respeito e valorização de suas histórias, praticas culturais, identidade étnica, enfim de suas raízes ancestrais. Segundo afirma Tylor:

“a cultura tomado no seu amplo sentido etnográfico é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem membro de uma sociedade”. Daí considerarmos a importância dos elementos culturais de um povo para conhecê-lo, visto que para eles esses elementos têm um sentido e um significado para sua existência.” (EDWARD TYLOR, Apud LARAIA, 1932, p. 25).

É partindo dessa visão de que a presença das igrejas pentecostais dentro dessa comunidade influencia diretamente na preservação e continuidade dos aspectos culturais desse povo, de forma que segundo alguns relatos, essa contribuição e vista negativamente causando um processo de resistência individualizada por alguns membros da aldeia Anambé.

Essa presença das igrejas pentecostais na aldeia Anambé, conforme narra o senhor Jacó não foi bem vista pelo órgão responsável pela proteção dos povos indígenas, como a FUNAI, que incentiva a saída dessas igrejas de dentro da comunidade indígena:

Veio a primeira e paresque que não prestu, essa igreja daqui era lá de cima do sitio queimada, ai cumu deu uns negocio de uns tiro pra lá que atiraro no pasto lá, o pasto veio embora e entrego pra um de Tailândia, ai veio pra cá. Eles entro na marra, é como nós tava falando que o pastor ali do campo da vila Elim, ele é que toma conta desse campo tudinho, ai antom não era pra deixar ele entrar né! Porque ai é assim ai é assim eles num quiere um acordo com o posto da FUNAI o posto quer de um jeito e eles quer do outro, antão o posto foi até simbora dai porque se aborreceu paresque. ( fala do senhor Jacó, 85 anos, morador da aldeia Anambé).

Nesse relato podemos perceber que os habitantes da aldeia permitiram a entrada dessas igrejas por conta própria, sem pedir a permissão do órgão responsável pela reserva causando um afastamento da mesma com o órgão governamental e com isso a redução de política e investimentos nesta comunidade. Pois, o propósito desse órgão e o de preservar de forma concreta a cultura desses povos afim de prepara-los para enfrentar o mundo com ações práticas sabendo ser sujeito ativo na sociedade que segundo o estatuto do índio que ainda afirma em seu Art. 196. São objetivos das políticas culturais para os povos indígenas:

IV - Proteger os bens do patrimônio cultural material e imaterial que os indígenas, comunidades e povos reconhecem como parte integrante de sua cultura, que se transmite de geração em geração, e que são constantemente recriados em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade, por meio de inventários, registros e salvaguarda, nos quais se incluem:

- a) os modos de vida;
- b) as representações simbólicas;
- c) as obras, objetos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico culturais, os sítios de valor histórico, paisagístico, arqueológico, paleontológico e ecológico;
- d) as línguas, tradições e expressões orais;
- e) rituais e atos festivos, religiosos ou não;
- f) as criações científicas e tecnológicas;
- g) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo;
- h) técnicas artesanais tradicionais;
- i) os esportes e jogos tradicionais;
- j) outras formas de expressão.

Durante as atividades de pesquisa de campo, foi possível observar a existência de uma espécie de insegurança e dificuldade em relação à definição desse tema entre eles.

Embora alguns afirmem que a entrada dessas igrejas promoveu a minimização de problemas sociais na comunidade, mas também demonstraram grande preocupação com relação a preservação de sua cultura, pois dizem que tem receio de que os jovens esqueçam, abandonem as suas raízes ancestrais, a partir dos dogmas e normas dessas igrejas. A senhora Maria Valdeniza Anambé, 44 anos, deixa isso muito evidente na fala a seguir:

Nós não pode perder essa cultura, gente, vamo fica na nossa história, ne! É só na nossa história, que vamos fica. Então hoje eu sempre falo mesmo, a igreja estando aqui dentro, mas nunca deixamos nossa cultura de lado, né! fazemo nossa comemoração, nossa dança, nossa pintura. Como hoje, até coloquei porque não é dia de igreja. A nossa cultura tem que está de pé, não pode, os pastores tem que respeita isso, né! Tem que respeitá. Então é assim, porque nós num mata, nós num bebe, a gente não tá fazendo nada de mau, a não se nos pintar, faze a nossa dança, os ritual das datas comemorativas e anda simples como nós anda, porque índio, tu sabe, nem de camisa gosta de usa, anda de shortinho por ai ne! (Fala da Dona Maria Valdeniza Anambé, 44 anos, moradora da aldeia Anambé).

Nessa mesma fala de dona Maria Valdeniza Anambé podemos perceber que mesmo defendendo suas raízes culturais, já em processo de ressignificação, quando afirma em dois momentos, que *“nossa pintura. Como hoje até coloquei porque não é dia de igreja.”* Pois, entende que conforme normas da igreja da qual faz parte, não pode ir pintado para os cultos, e *“a gente não tá fazendo nada de mau, a não se nos pintar, faze a nossa dança, os ritual das datas comemorativas”*. Ao analisarmos essa fala podemos notar, que entendem muito bem que a pintura, a dança e os rituais ancestrais não fazem parte das práticas religiosas das igrejas pentecostais, que quando assim procedem parece como algo errado aos olhos da igreja.

Em outra fala, já utilizada anteriormente, do senhor Marrir Anambé, podemos perceber que os mesmo faz várias analogias entre sua religião ancestral e a apresentada pelas igrejas pentecostais demonstrando que ele ressignifica, modifica, renova e recria a todo momento a sua visão de religiosidade:

Olha sobre a igreja ai, pelo que estu vendo o nosso Tupã, Tupã que nós chama o pai do céu, o nosso Tupã ele está fazendo uma obra bão, bão, por uma parte, pois ele evita esse negocio de droga, bibida cólica, tava surgindo muito aqui na aldeia, muito, muito. Querio se mata um o outro, já murreu dois Anambé, murreu de graça, não porque parente mato, outro branco mato por causa de bebida. Já tem pessoas aqui, os meus filhos, a minha prima tão batizado pelo Tupã em estrangeiro. Tupã é o

Espirito Santo. ( Fala do senhor Marrir Anambé, 75 anos, morador da aldeia Anambé).

Nesse relato o senhor Marrir Anambé, 75 anos, não dá uma definição a acerca do que representa a nova religião, Pois, para ele a igreja pentecostal nada mais é que uma extensão de sua própria religiosidade, exercendo assim uma forma de resistência a essa nova religião, ao fazer várias analogias entre a representação de um Deus cristão e ao Deus Tupã dos seus antepassados.

Imagem 10: Igreja Pedra de Davi, Aldeia Anambé. Culto com as crianças.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

Neste sentido, é possível verificar também que os mais velhos da comunidade Anambé se preocupam com o conhecimento, valorização e transmissão de sua cultura para os mais novos. Sabendo que de alguma forma a igreja pode interferir nesse processo. Conforme se observa na fala do senhor Pedro Anambé ex-cacique da aldeia Anambé, um dos guardiões desse povo:

Sobre a igreja evangélica, veja bem, eu num su contra, aliais nenhuma religião eu su contra, porque se vucê vai evangélico, Jesus está, católico Jesus está. Então num su contra, desde que cada uma delas sentada aqui cumpra seu papel e respeite as tradições da comunidade, ou seja, a cultura, a pintura, essas iscuisa, que diz respeito ao índio ele não vai muda, o índio, ele não vai muda nunca o índio, ele nunca vai deixa de ser índio, quer dizer que nasce indígena vai morrer indígena. Então eu num su contra, mas tem certo problemas que surge pro índio, eu tu me referindo ao índio e não ao não índio, você sabe que aqui há uma

mistura do índio com o não índio. Então eu tu me referindo ao índio. Esse índio num conhece muito o lado do branco, a intenção do branco, tá entendendo, antão dificulta muito pra eles, tudo pra ele é bom, ele pode tá sendo enganado cuitado, num é verdade? Pra isso, nós tem que preparar as liderança que são os frenteiro dessa comunidade, os responsável por esse grupo pra não deixar acontecer. Mas, não su contra não, só su contra esses que as vezes quer interferir sim, tenta mudar, tô me referindo que as vezes tenta passar internet na comunidade isso não pode muda, né! E diz que o índio não pode fazer aquilo, isso é um costume uma tradição, ele tem que vê isso, ne! O que me preocupa mais é um pastor é um conhecedor da bíblia é porque e tenta barrar certas coisa que o índio já é acostumado a fazer, que é do costume dele, da tradição dele e por ai vai. A gente tem que fazer aquilo que deus manda se tem a intenção de ajudar essa comunidade ele tá vendo por outro lado. Que é o acesso de entrar e sair, envolvendo muitas coisa, ele entra e aplica o trabalho dele, mas num tem perdão, desvia, tira, ai tenta mudar as coisa, que já mais vai consegui. Às vezes as pessoas falo, mas Deus é tão bom, que quando ele tenta, que as vezes ele consegue, mas com 10, 15 dia, ele vem já mudo, ele sabe que o índio não tá parado pra quilo, pra aquela mudança, ele tem que convive muito. Um exemplo sou eu, que se fosse só através de crente que entrasse em minha vida pra mim parar de bebe, até hoje tava bebendo, porque nunca me converti (Fala do senhor Pedro Anambé, 57 anos, morador da aldeia Anambé).

Essa foi uma das falas mais contundentes em relação a aceitação das igrejas pentecostais na comunidade, mas com o olhar de resistência a toda e qualquer forma de tentativa de mudança em relação aos costumes e da tradição ancestral desse povo, é marcada em vários momentos da narrativa do senhor Pedro Anambé, ao deixar emergir na sua fala esse olhar de aceitação e de ao mesmo tempo de resistência, as mudanças ocorridas após a entrada dessas igrejas nessa comunidade. Outro habitante da aldeia Anambé, o jovem Eré Anambé também fala a respeito disso:

O indígena tem uma religião diferente da igreja e a igreja vem tomando aos poucos o espaço da cultura indígena. E quando o cara vê já domou o índio, já não pode mais dança, já não pode mais fazer seus rituais, não pode mais se pintar, já não pode mais usar seus artesanatos, porque a igreja não permite. Então tem muitos pastores que diz que não interfere na cultura indígena e ele tá mentindo, porque interfere sim. Eles fazem o índio acreditar que aquilo ali pra ele é pecado. Eles fazem isso devagar, não é de uma hora pra outra de chegar e dizer que tu não vai fazer isso, isso e isso, não e devagar se não eles sabem que o índio não vai aceitar e eles fazem bem devagar. Entra no psicológico do índio e o índio deixa a cultura de lado, deixa a raiz que ele tinha de lado pra servir uma religião que não era dele, que não é a dele. Então o que eu acho que a igreja dentro da comunidade ela causa sim interferência.(Fala do Jovem Eré Anambé, 25 anos, morador da aldeia Anambé).

O jovem Eré Anambé, 25 anos de idade, já faz parte da liderança desta comunidade indígena, devido ao seu espírito de liderança futuramente pode se tornar um novo cacique dos Anambé. Este jovem indígena expressa muito bem através das suas narrativas essa preocupação com valorização cultural e étnica do seu povo, demonstrando resistência ao modo como essas igrejas vem interferindo nos hábitos, costumes e tradições ancestrais do seu povo:

Para muitas pessoas e principalmente para muitos indígenas, pensa que a igreja não vem interferindo na cultura deles, porque a igreja ela entra ela não vai mudando tudo assim de uma vez, é mais devagar, devagar ela vai tomando espaço porque cada povo tem sua religião, cada povo tem uma religião. (Fala do Jovem Eré Anambé, 25 anos, morador da aldeia Anambé).

Na concepção de Eré Anambé é um erro aceitar outra religião que não seja a deles dentro da aldeia, pois na visão dele se torna impossível a coexistência de duas religiões dentro da aldeia, sem que ocorra ressignificação, modificação da cultura indígena:

Igreja e cultura não caminham juntos, cada lugar tem um tipo de religião, os protestantes têm a deles, os católicos têm a deles e o terreiros de candomblé tem a religião deles. Tu acharias que caminharía junto candomblé com a igreja católica cristã? É isso ia ter conflito, um ia ter que ceder pro outro. E assim somos nós o povo indígena, com os espírito, principalmente os pajés, eles invocam os espíritos de tudo o quanto é lugar da religião indígena mesmo. Daí, tipo assim, já vem a contradição entre o espírito santo e o espírito da água, da floresta, do ar que os índios acreditam, que é a religião deles, é a cultura deles, daí tu acharia que andaria junto? (Fala do Jovem Eré Anambé, 25 anos, morador da aldeia Anambé).

Este jovem indígena vai além nas suas narrativas recheadas de protestos e resistências, deixando evidente o quanta a cultura religiosa indígena foi já atacada pelos evangélicos:

O Aipã foi o último pajé, era ele que fazia os rituais. Quando ele morreu a igreja já trabalhava por aqui com alguns missionários, mas não tinha lugar fixo. Quando ele morreu não teve ninguém para ficar no lugar dele e os evangélicos falava que ele invocava espírito diabólico, e tem gente hoje que acha assim, mas não é bem assim, é uma falta de respeito pá nossa cultura indígena a pessoa pensar isso, né! E eles acham difícil vim pra cá com uma igreja e ter pajelança (Fala do Jovem Eré Anambé, 25 anos, morador da aldeia Anambé).

E desta forma, Eré Anambé é implacável na sua defesa e valorização pela religião ancestral dos Anambé:

A pajelança podia reaparecer na aldeia, porque os remédios caseiros que eram feitos pelos pajés ainda são feitos pelos ais antigos até hoje ainda são utilizados muitos ficam sabendo realmente que o pajé, o pajé ele é uma pessoa, assim, que cuida da saúde da comunidade indígena, mas só os espírito dele sabe como trabalhar e por isso nós vamos lutar pra não deixar de usar os remédios caseiros que são muitos, pra diarreia, pra vomito, pra dor. São muitos deixados pelo pajé (Fala do Jovem Eré Anambé, 25 anos, morador da aldeia Anambé).

A partir das narrativas desses colaboradores da pesquisa, se percebe a preocupação que possuem com as práticas culturais, com os saberes do seu povo, que precisa ser conhecimento, valorizada, pois se estabelece em conexão com a natureza, através da utilização dos recursos naturais empregados cultural e religiosamente conforme faziam seus ancestrais. Daí a preocupação para que não ocorra a resignificação, a mudança ou transformação total dos seus costumes. Pois, caso isso ocorra, conforme afirma Eré Anambé, “o índio deixará de ser índio”. E para que indígena não deixe de ser indígena é necessário a reconstituição e o reconhecimento da sua própria religião, que essa volte a fazer parte do cotidiano, da vida do povo Anambé, sem que haja interferência externa.

Imagem 11: Jovem Eré Anambé, 25 anos, morador da comunidade Anambé, uma das lideranças mais nova deste povo.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

Partindo desses pressupostos, este estudo também buscou trazer a visão dos representantes das igrejas pentecostais que estão assentadas dentro dessa comunidade que são a Assembleia de Deus e a Congregação Pedra de Davi. Contudo, apenas o pastor Magno, da Congregação Pedra de Davi, concordou fazer parte do presente estudo. Uma vez que o outro pastor, mesmo sendo solicitado pelos habitantes da comunidade Anambé para fazer parte deste estudo, se negou a participar.

O pastor magno é uma figura muito bem vista entre os Anambé, reside dentro da aldeia participando efetivamente do cotidiano desta comunidade, diferente, portanto dos outros pastores, que por lá passaram fazendo visitas periódicas a convite dos indígenas. E foi seguindo os rumos da pesquisa que se realizou entrevista com o referido pasto, na ocasião preferimos pontuar alguns questionamentos que tratavam sobre a relação dessa congregação e a cultura do povo Anambé:

Então, nossa missão aqui dentro da aldeia, da tribo Anambé é essa de ensinar de pregar a palavra, de falar pra eles que Jesus aquele que morreu na por todos nós, ele tem por obrigação salvar todos nós, Jesus não faz acepção pessoa, ele mesmo disse essa palavra. A missão aqui é salvar as pessoas que você está lidando, mostrar para ela qual o caminho verdadeiro, o caminho certo, o rumo certo de que ele deve seguir e deixar do álcool, das drogas e seguir o rumo certo (Senhor Magno, 30 anos, pastor do Ministério Pedra de Davi que atua hoje dentro da comunidade Anambé).

Imagem 12: Senhor Magno, 30 anos, pastor do Ministério Pedra de Davi que atua hoje dentro da comunidade Anambé.



Fonte: LIMA. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2019.

Percebemos aqui que esse ministério segue os princípios que norteiam a Missão evangélica aos Índios do Brasil (MEIB) que atua em várias comunidades indígenas na Região Amazônica, e que é reconhecida por ser:

Uma missão genuinamente brasileira que, por algum tempo tem (sic) foi dirigida pelos missionários estrangeiros [...] O trabalho evangélico indígena no Brasil teve seu início graças aos esforços abnegados de missionários que deixaram a sua pátria, o conforto do seu lar e o convívio com seus parentes para se embrenharem em terras brasileiras [...] Numa época em que os brasileiros não haviam ainda sido despertado (sic) para este ministério, muitos missionários estrangeiros vieram e alguns até morreram entre os indígenas. Muitos deles quase que no anonimato. Agiram deste modo para anunciar o Evangelho que salva aos nossos indígenas (MEIB, 2014).

Ao ser questionado a respeito da sua opinião acerca de costumes hábitos e práticas culturais e religiosa dos Anambé, respondeu o seguinte:

Eu ainda a pouco falei que diante os olhos de Deus não existe aceção de pessoas, mas só que existe na bíblia doutrina de Deus não do homem que diz que depois que eu aceito Jesus, depois que me torno um cervo de Deus tem certos tipos de costumes que tenho que deixar, que tenho que largar pra mim me tornar uma nova criatura, por que se não posso deixar Deus decepcionado, triste comigo. Na bíblia está escrito sobre pintura, brincos, pulseiras e colares, você pode ver na bíblia no livro de Isaías capítulo 49, depois no livro de Reis no capítulo 5, Deus fala e condena o uso disso uma mulher totalmente entregue a isso era chama Gesebel é bíblico. Ainda de acordo com a bíblia, não é o pastor magno que está falando é de acordo com a bíblia, você vai encontrar tudo isso em 2º Coríntios, capítulo 17, versículo 14, lá fala assim mesmo “ eu pegarei os membros de Cristo e eu farei membros de meretrizes” o que é traduzido da bíblia como meretrizes? É prostituta, será que eu posso pegar o que é de cristo e fazer membro de meretrizes. Eu sei que não posso chegar e falar “vocês a partir de hoje não vão mais fazer isso, usar isso, comer isso, eu não vou impor nada, sabe o que eu faço eu prego a palavra para que cada um tenha o entendimento da maneira que pensa para que eles possam dizer “ eu não vou mais fazer isso e não vou mais usar aquilo” e entender que só existe um deus para nos salvar e que vai nos julgar no final. (Senhor Magno, 30 anos, pastor do Ministério Pedra de Davi que atua hoje dentro da comunidade Anambé).

Partindo desta fala do pastor é possível perceber que ocorre sim uma influência muito forte das igrejas pentecostais dentro dessa comunidade, contribuindo no processo de ressignificação da cultura desse povo, e que as preocupações expostas pelos próprios indígenas com o senhor Pedro Anambé, dona Maria Valdeniza Anambé e do jovem Eré

Anambé, assim como de outros moradores dessa aldeia indígena, tem que ser levada em consideração se realmente existe preocupação em preservar a cultura ancestral do povo Anambé. Por outro lado, conforme afirma Ribeiro (2014), a religiosidade desse povo, assim com seus traços culturais, embora diante da inserção de práticas culturais e religiosas externas, continuam muito vivas entre o seu povo, “pois é possível observa que “as crianças em momentos de brincadeiras e descontrações cantando e dançando”, vão repetindo conforme fazem as pessoas mais velhos, sendo assim, longe de serem praticadas, “tais ritos ganham novos sentidos ao longo das gerações, e continuam caracterizando a religiosidade dessa comunidade indígena” (RIBEIRO, 2014, p. 80).

De fato, identificamos que a prática religiosa protestante quando se trata de comunidades indígenas vem fazendo parte das discussões no campo acadêmico brasileiro como suporte que também é veículo de uma proposta democrática de evangelização. Entretanto, a partir de olhares voltados aos dados coletados durante a pesquisa de campo percebemos que existem lacunas nesse processo que muitas vezes impedem os indígenas de exercerem suas práticas religiosas articuladas com as exigências dos dogmas dessas igrejas, que ocupam as comunidades indígenas atualmente no Brasil, não oferecendo a esses povos possibilidades de mediação entre sua cultura religiosa ancestral e a evangélica protestante pentecostal, enquanto instrumento mediador.

Enfim, na perspectiva de organizar algumas sínteses provisórias quanto ao universo de contradições evidenciadas durante todo o trabalho tecemos algumas conclusões gerais, as quais oferecem alguns elementos para análises futuras, os quais intrinsecamente fazem parte da instância e podem ser aprofundados em outros trabalhos, com o intuito de dar à prática religiosa, novos subsídios quando tratarmos do processo de evangelização protestante em comunidades indígenas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a proposta do presente trabalho de conclusão de curso ao discutirmos sobre a temática da presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé, analisamos diversas falas, de indígenas quanto de não indígenas, a respeito deste assunto, observando que o contato dos Anambé com religiões não indígenas se deu de forma voluntária devido a proximidade desse povo com moradores da vila Elim e da cidade de Mocajuba, o que influenciou diretamente na mudança de comportamento e principalmente nas mudanças de hábitos dos indígenas.

É importante ressaltar que os primeiros indígenas ao frequentarem, tanto as igrejas evangélicas da vila Elim, quanto à católica da cidade de Mocajuba, segundo os relatos dos próprios indígenas foram voluntários, Becur Anambé, domingos Caboclo Anambé e Simplício Anambé iam até a vila Elim participar dos cultos por livre e espontânea vontade.

No entanto, também, foi possível observar que as igrejas evangélicas só vieram a ocupar espaço efetivo dentro da comunidade Anambé após o fim do seu ciclo de pajelança com a morte do último pajé, que foi Aipã Anambé, ou seja, enquanto havia uma representação religiosa tradicional entre os Anambé as igrejas evangélicas não tinham espaço entre eles, mesmo já tendo contatos com essa religião privilegiavam seus costumes ancestrais.

Neste sentido, a intensificação do contato dos Anambé com as igrejas pentecostais se deu após a morte do último pajé, as quais permanecem até os dias de hoje ocupando lugar de destaque dentro da comunidade Anambé, pois conforme foi observado durante a pesquisa de campo, em algumas casas já é costume passarem o dia escutando hinos de louvor evangélicos.

Contudo, se verificou que existe resistências a este tipo de prática religiosa e sobre a presença fixa dessas igrejas dentro da aldeia, havendo inclusive preocupações entre os Anambé a respeito processo de ressignificação e mudança cultural e religiosa conforme seus costumes ancestrais, principalmente entre os mais jovens, que mencionam a perda gradativamente do modo de ser indígena, que está se intensificando e acelerando a perda das memórias e histórias dos seus ancestrais, principalmente no que se refere a não valorização de cantos, rezas, arte e, principalmente, a língua materna dos Anambé, que assim como em outros povos indígenas se transmite através da oralidade entre as gerações.

As resistências são latentes e visíveis, pois, os próprios Anambé fazem referências aos reflexos de um projeto colonizador desrespeitoso com o modo de vida das etnias indígenas, sofreram e sofrem inúmeras perdas quando são incentivados a esquecerem suas tradições. Entre os Anambé a não realização de eventos tradicionais é uma realidade do tempo presente e durante a pesquisa foi detectado que eles comemoram apenas o dia do índio, data essa criada pelos colonizadores.

Outro fator verificado a partir das atividades de pesquisa é que os Anambé não usam mais de forma efetiva seus artefatos, como, as plumarias, que eram características desse povo. Da mesma forma, a cultura do grafismo também está sendo apagada da memória e das vivências cotidianas desses indígenas, bem como o diálogo, comum de décadas passadas, entre os mais novos como os anciões também estão desaparecendo.

Os Anambé dizem que esta espécie de abandono de seus costumes, hábitos e práticas culturais e religiosas também está intimamente ligado a presença de tecnologias dentro da aldeia, como, televisão, celulares e o acesso a internet, que já é realidade entre este povo. Além disso tudo, a visão religiosa de salvação apresentada e defendida pelas igrejas pentecostais, que lá atuam nesta aldeia indígena, acelera o processo de ressignificação, mudanças e esquecimentos de as práticas ancestrais desse povo, visto que a partir de dogmas e normas dessas igrejas, o papel evangelizador e uma nova visão de certo e errado para se chegar a salvação, vem a partir da negação de práticas, vivências e saberes ancestrais indígenas.

Portanto, após analisar os dados que foram coletados no transcorrer da pesquisa de campo, se identificou que é preciso que os jovens Anambé sejam incentivados a conhecer e valorizar suas raízes ancestrais e para se apropriarem desse conhecimento com o mínimo de destreza e comprometimento a sua cultura, para que eles possam aliar o seu conhecimento evangélico ao conhecimento ancestral, e dessa união retirar meios de levar aos seus valores culturais as novas gerações. Essa necessidade de uma nova forma de fazer religioso ainda não é bem aceita por parte dos habitantes da aldeia Anambé, pois, para eles, ao mesmo tempo em que atrai e seduz, também assusta e gera repulsa.

O novo, o desconhecido, traz essa ambiguidade de sentimentos, repulsa e atração. Neste sentido, dados da pesquisa apontam que o papel das igrejas pentecostais tem grande influência no processo de ressignificação da cultura ancestral desse povo, e as resistências que os Anambé desenvolvem diante desse processo tem como principal importância o conhecimento, valorização, manutenção e transmissão de hábitos, costumes, saberes e

práticas culturais e religiosas ancestrais, que estão ao tempo todo em constantes contatos com a natureza.

## **FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA**

### **a) FONTES ORAIS:**

Segundo Lang (1996) a história oral de vida, traz a tona histórias de vida, por meio do relato de um narrador, que fala a respeito da sua existência através do tempo. Neste caso, os acontecimentos vivenciados são narrados, assim como experiências e valores são transmitidos, deixando-nos a par dos fatos da vida pessoal de alguém. É através da narrativa de uma história de vida, “que se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, da sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar” (Lang, 1996, p. 34).

Desta forma, ao relatos orais foram de suma importância no decorrer da pesquisa, pois mediante as narrativas dos indígenas Anambé que foi possível conhecer um pouco da história desse povo, que ainda é pouco conhecida, possibilitando com que esta pesquisadora historiadora relacionasse as bibliografias encontradas e estudadas com os dados obtidas durante a pesquisa de campo, através dos diálogos com os entrevistados(as) ou colaboradores(as) deste estudo, que ao reconstituírem vestígios de uma memória herdada dos seus ancestrais falaram das vivências e histórias do seu povo, assim como, dos impactos causados na sua cultura devido a presença das igrejas pentecostais dentro da aldeia Anambé. Desta-se a seguir os nomes dos Anambé, que na condição de entrevistados(as), permitiram com que suas narrativas e histórias de vida fossem convertidos em fontes principais, as fontes orais, do presente estudo.

Jovem Eré Anambé, 25 anos, morador da comunidade Anambé, uma das lideranças mais nova deste povo.

Senhor Pedro Anambé, 57 anos, morador da aldeia Anambé.

Senhor Marrir Anambé, 75 anos, morador da aldeia Anambé

Dona Maria Valdeniza Anambé, 44 anos, moradora da aldeia Anambé.

Senhor Jacó, 85 anos, morador da aldeia Anambé.

Dona Augustinha Anambé, 79 anos, moradora da aldeia Anambé.

Dona Titon Anambé, 84 anos, moradora da aldeia Anambé

Senhor Erémun Anambé, 50 anos, cacique da comunidade e morador.

Senhor Magno, 30 anos, pastor do Ministério Pedra de Davi que atua hoje dentro da comunidade Anambé.

**b) FONTES ESCRITAS:**

Documentos pessoais dos entrevistados, como: carteira de identidade e certidão de casamento

Caderno de cantos das Igrejas Pentecostais

Caderno de estudos da língua materna

Diário de classe dos professores

Prontuários Clínicos do posto de saúde

Certidão de reconhecimento da terra indígena Anambé

**c) FONTES IMAGÉTICAS:**

Fotografias feitas pela pesquisadora no decorrer da pesquisa de campo;

Fotografias encontradas nos acervos familiares de algumas pessoas entrevistadas no decorrer da pesquisa;

Mapa territorial de demarcação da terra Anambé.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Tradução e Mediação: missões transculturais entre grupos indígenas. In: Paula Montero (org.). Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Editora Globo, 2006. Cap. 7, p. 277-304

ALTMANN, Walter. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos; Unisinos, 2008. p. 107-8.

BRASIL, Ministério da Justiça Comissão Nacional de Política Indigenista. **Estatuto dos Povos Indígenas**. Proposta da Comissão Nacional de Política Indigenista Brasília, 5 de junho de 2009.

CARVALHO, Raquel Alves de. Os missionários metodistas na região de Dourados (1929-1944). 2004. 235 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, p. 32.

CARVALHO, Raquel Alves de. A missão evangélica caiuíá: instalação e organização. Revista de Educação do COGEIME, Piracicaba, v.13, n. 25 , p. 89-103, dez. 2004.

CRUZ, Maria Raimunda Correa Olha a Mirirũ: a Criança Indígena em Práticas Sociais e Culturais na Aldeia Indígena Anambé (Moju Região do Tocantins- Pará), Faculdade de História do Campus Universitário do Tocantins/UFPA, 2016 (trabalho de Conclusão de Curso).

DECKMANN, Eliane Cristina. A IECLB e a questão indígena no RS. São Leopoldo, 1985. (Monografia de conclusão em graduação de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS).

ELIADE, Mircea. Shamanism: archaic techniques of ecstasy. Princeton: Princeton University Press, 1964.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades. ERA – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, V. 35, n. 2, p. 57 – 63, Mar./Abr. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 12 de abr. de 2017.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: Muitas Dúvidas, Poucas Certezas E Uma Proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. Série Eventos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1.996.

LARAIA, Roque de Barros & Roberto da Mata 1978, Índios e Castanheiras: A empresa Extrativa e os Índios do Médio Tocantins. 2ª Edição Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra (Coleção Estudos Brasileiros, Vol. 35).

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. São Paulo: Editora Nacional, 1970a.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUCKMANN, Sandro, EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA TERRA INDÍGENA GUARITA, Um olhar sobre a trajetória missionária indigenista da IECLB e COMIN Ijuí, (Mestrado em Educação nas Ciências) Rio Grande do Sul 2011.

PANTOJA, Vanda. Santos e Espíritos Santos, ou católicos e evangélicos na Amazônia Marajoara. Bélem, 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará.

RIBEIRO, Bárbara de Nazaré Pantoja. A Crença na Sawara e a Inserção de Credos Não Indígenas entre o Povo Assuriní do Trocará, no Município de Tucuruí-Pará. UFPA/CUNTINS-Cametá, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).

RODRIGUES, Donizete. O Antropólogo e o Sagrado: trajetos etnográficos em contextos religiosos diferenciados. In: Emerson Sena da Silveira (ed.). Como Estudar as Religiões –metodologias e estratégias. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

RUFINO, Marcos Pereira. O Código da Cultura: O CIMI no debate da inculturação. In: MONTERO, Paula. (org.) Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

VILLAS BOAS. Orlando. A Arte dos Pajés - Impressões Sobre o Universo Espiritual Xinguano : São Paulo: Editora Globo, 2000.

MENESES, J. S. “Protestantismo, Protestantismos ou Protestantismo à brasileira?”. Revista NURES, n. 18, 2011.

SEDUC-PA – Secretaria Executiva de Educação do Estado Pará/Programa Raízes “Descobrimos os Anambé”. SEDUC. Belém do Pará, 2005

SILVA, Adailson Igreja da. Manifestações religiosas na comunidade Indígena Anambé Moju-Pará (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Pará. Cametá-Pará, 2013.

SOUZA, Susana Braga de. Educação e Saberes culturais entre os Indígenas Anambé na Região de Tocantins- Pará (Tese de Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Cametá-Pará, 2016.

SUESS, Paulo (org.). Em defesa dos povos indígenas: documentos e legislação. São Paulo: Loyola, 1989.

## ANEXOS

*Entregue em 15.06.20*



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS- CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA (FACHTO)**

**Ofício: 001/2020**

**Cametá, 14 de Junho de 2020.**

**Da: Universidade Federal do Pará- Campus Universitário do Tocantins - Cametá  
Faculdade de História (FACHTO).**

**A: Conselho da aldeia Anambé**

**Att: Cacique Eremum Anambé / *Raimundo Anambé***

**Assunto: Solicitação**

Honrada em cumprimentá-lo, venho através deste, solicitar de Vossa Senhoria, permissão para aplicação de entrevistas com moradores que residem na comunidade, evangélicos e não evangélicos, assim como para os pastores das igrejas evangélicas que fazem o trabalho missionário dentro da comunidade. Trabalho este que fará parte da Pesquisa de Campo do Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de minha Graduação no curso de História, com foco na Análise A Presença das Igrejas Pentecostais na Aldeia Originária Anambé-Moju-Pará.

Sem mais para o momento, desde já agradeço.

Atenciosamente,

*Natália do Socorro Lima*

Natália do Socorro Lima  
Graduanda em História



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Layne Ellen Soares Vianna

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Mojú - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé . Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 15 de Junho de 2020

Layne Vianna

Assinatura do responsável / participante

Natália de Soares Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Mauri Amambé

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Mojú - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé . Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 24 de junho de 2020



Assinatura do responsável / participante

Natalia de Góes Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Magno Cruz Miranda

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Mojú - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé. Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 15 de junho de 2020.

Magno Cruz Miranda

Assinatura do responsável / participante

Natália de Souza Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Maria Valdeniza Pantoja Anambé

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Moju - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé. Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 15 de junho de 2020.

Maria Valdeniza Pantoja Anambé

Assinatura do responsável / participante

Natália do Socorro Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Raimundo Anambé

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Mojú - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé . Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 15 de junho de 2020.

Raimundo Anambé

Assinatura do responsável / participante

Natalia de Sousa Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Agostinha Pereira da Silva

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Mojú - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé . Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 34 de junho de 2020.

Assinatura do responsável / participante

Natalia de Souza Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Antônio Anambé

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Moju - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé. Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 14 de junho de 2020

Assinatura do responsável / participante

Natalia de Goeiros Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Elson da Silva Anambé

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Mojú - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé . Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 14 de junho de 2020

Elson da Silva Anambé

Assinatura do responsável / participante

Natalia do Socorro Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Titon Amambé Almeida

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Moju - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé . Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 14 de junho de 2020.

Assinatura do responsável / participante

Natalia do Socorro Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Tapi in Anambé

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Moju - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé. Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 14 de junho de 2020



Assinatura do responsável / participante

Natália do Socorro Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Paulo Vicente Anambé

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Moju - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé. Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 14 de junho de 2020.

Assinatura do responsável / participante

Natália do Socorro Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Jacó

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Mojú - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé. Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



Assinatura do responsável / participante

Natália do Socorro Lima

Assinatura da Pesquisadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS - CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA - FACHTO

EU, Elilia do nascimento

Estou ciente de minha participação na pesquisa **A presença das igrejas pentecostais na aldeia indígena Anambé – Moju – Pará**, cujo objetivo é identificar e analisar através dos relatos orais dos habitantes da aldeia Anambé, no município de Mojú - Pará, quais os desafios encontrados pelos indígenas com a presença das igrejas pentecostais entre os Anambé, na perspectiva de compreender as mudanças religiosas ocorridas principalmente após a morte do pajé Aipã Anambé. Os dados serão coletados por meio de observações *in loco*, entrevistas em profundidade, registros escritos e fotográficos e gravações. Sei que as informações são sigilosas e serão utilizadas tão somente para fins de pesquisa. Como colaborador poderei obter informações do estudo e esclarecer dúvidas em qualquer momento do processo. Estou ciente que poderei obter informações sobre o estudo junto aos pesquisadores pelo telefone: (91) 991134280.

Mojú, PA, 14 de junho de 2020.

Assinatura do responsável / participante

Natalia de Sousa Lima

Assinatura da Pesquisadora